



C. W. GORTNER

Autor bestseller internacional de
Confissões de Catarina de Médicis

—:~::~~::~—
«Um retrato surpreendente
de uma das dinastias mais
sombrias de Roma.»

Allison Pataki

LUCRÉCIA BÓRGIA

A Princesa do Vaticano

Romance histórico

TOP
SEL
LER

*Se gli uomini sapessino le ragioni della paura mia,
capiu potrebbero il mio dolor.*

(Se as pessoas conhecessem os motivos por detrás
do meu medo, poderiam compreender a minha dor.)

— LUCRÉCIA BÓRGIA



Cidades-Estado de Itália

Mapa não à escala
Concebido por C. W. Gortner

1506



A infâmia é um mero acidente do destino.

Era o que o meu pai costumava dizer. Declarava-o em tom jocoso, naquela sua atitude negligente, acenando a mão sapuda, adornada com o anel papal do pescador, como se bastasse um mero piparote com os dedos para dispersar as acusações perniciosas que sobre nós pairavam, os murmúrios maldosos que davam conta de imoralidades, corrupção e atos pecaminosos.

Eu costumava acreditar nele; achava que o meu pai sabia tudo.

Agora sei que não é assim.

Caso contrário, como explicar o caos semeado em nosso redor, as vidas devastadas, a inocência sacrificada e o sangue derramado? Como explicar a inesperada trajetória que a minha vida tomou, condenada a deambular eternamente pelo labirinto que o desígnio impiedoso da minha família traçou?

Não pode haver outro motivo. A infâmia não é um acidente, um acaso. É um veneno que nos corre no sangue.

É o preço a pagar por se ser um Bórgia.

PARTE I

1492–1493

As Chaves do Reino



*Deus não deseja a morte do pecador,
mas que ele pague pelo seu pecado e viva.*

RODRIGO BÓRGIA

CAPÍTULO UM



Lucrécia, *basta!* Para de fazer festas a esse animal nojento! A mão rechonchuda e pejada de anéis da minha mãe precipitou-se na minha direção. Evitei a sua bofetada inclinandome instintivamente sobre o meu querido gato, *Arancino*, que bufou e baixou as orelhas, os seus olhos semicerrados evidenciando o desdém que eu sentia. Sabia por que motivo Vannozza estava ali. Desde a recente morte do papa Inocêncio e do início do conclave convocado para eleger um novo santo padre que esperava a chegada da minha mãe ao Palazzo Orsini, no Monte Giordano, onde eu residia. Apresentara-se de véu e saias pretas, apesar do calor estival, e assentara arraiais na nossa *camera*, qual mensageira da desgraça.

Agora que ela ali estava, tudo o que eu queria era que fosse embora.

— Rua! — Bateu com o pé, enxotando *Arancino*, que saltou dos meus braços e se escapuliu pelas portas abertas em direção ao corredor sombrio.

Só senti o arranhão quando o sangue irrompeu à flor da pele. Levando a mão à boca para chupar o sangue, lancei uma careta à minha mãe, que gesticulava perentoriamente.

— Francamente, Adriana! — reclamou ela. — Que ideia a sua deixá-la ter um gato dentro de casa! Que coisa tão pouco saudável. Os gatos são obra do diabo; toda a gente sabe que são capazes de matar um bebé, roubando-lhe o alento.

— Felizmente, não temos bebés nesta casa — respondeu-lhe Adriana, da sua cadeira, numa voz suave como a seda de tom cinzento-claro do seu vestido. — E o gato, de vez em quando, é útil — alegou, com um pequeno estremeamento. — Em especial no verão, por causa dos ratos.

— Ora, quem é que precisa de um gato para se livrar de bicharada? Basta um pouco de veneno pelos cantos. Eu mesma o faço, em junho. Não há ratos em minha casa.

Tremi ao pensar em *Arancino*, deambulando por uma casa com veneno espalhado pelos cantos. Adriana respondeu:

— O mais certo é que não os veja, minha querida Vannozza, mas em Roma, como ambas sabemos, os ratos são de todos os tamanhos e feitios.

Embora Adriana não tenha devolvido o meu olhar de gratidão, tive a certeza de que ela jamais sancionaria a utilização negligente de veneno. O meu *Arancino*, que eu resgatara ainda em bebé da morte por afogamento às mãos dos moços da estrebaria, estava em segurança.

A minha mãe concentrou de novo a sua atenção, afiada como uma lâmina, em mim. Tinha apenas 7 anos quando abandonei a sua companhia. Ela acabara de casar pela segunda vez e o meu pai mandou-me buscar ao *palazzo* onde ela vivia, perto de San Pietro in Vincoli, e colocou-me aos cuidados de Adriana de Mila, a filha viúva do seu irmão mais velho. Adriana supervisionara a minha educação, que incluía lições no Convento de San Sisto. Considerava-a mais minha mãe do que aquela mulher roliça e transpirada alguma vez havia sido. Ao mesmo tempo que Vannozza me examinava, qual cliente ponderando uma aquisição, interoguei-me, não pela primeira vez, como é que ela conseguira manter o afeto do meu pai durante tantos anos.

Pouco conseguia ver da sua outrora lendária beleza. Aos 50 anos, a silhueta da minha mãe alargara em resultado das sucessivas gravidezes e dos prazeres da mesa, de tal maneira que se assemelhava a uma matrona vulgar; os seus olhos cinza-azulados (que eu herdara, conquanto os meus fossem de um tom mais claro) rodeados de papos ensombrados, as maçãs do rosto raiadas de veias e o nariz adunco acentuavam um olhar severo permanente. Embora usasse um rico veludo preto, o corte do seu vestido estava fora de moda, em particular quando conjugado com a antiquada touca carregada de véus, sob a qual se entrevia o grisalho das suas tranças, em tempos douradas.

— Ela come como deve ser? — inquiriu Vannozza, como se pressentisse o julgamento crítico que eu dela fazia. — Continua magra como um rafeiro; e tão pálida. Dir-se-ia que nunca viu o sol. Suponho que também ainda não tenha sangrado...

— A palidez natural de Lucrecia está na moda hoje em dia — replicou Adriana. — E ainda não completou 13 anos. Algumas raparigas necessitam de mais tempo para amadurecer.

Vannozza resmungou:

— Tempo é o que ela não tem. Não se esqueça de que já está prometida. Esperemos que, pelo menos, se revele digna da educação esmerada que Rodrigo insistiu em proporcionar-lhe, se bem que eu não entenda para que há de uma rapariga precisar de livros e coisas assim.

— Adoro os meus livros... — comecei a protestar, mas fui interrompida por Adriana, que fez soar uma pequena sineta de prata que tinha ao seu lado.

Um momento depois, a pequena Murilla, a minha anã preferida, um presente do meu pai no meu décimo primeiro aniversário, entrou com um jarro e uma bandeja de queijo. Era uma miniatura perfeita, de pele cor de ébano; eu ficara encantada com o seu exotismo, sabendo que ela tinha sido trazida de uma terra distante onde os nativos não usavam roupa. Chocava-me ver a minha mãe enxotá-la como se fosse um mosquito. Adriana fez sinal a Murilla que colocasse o jarro e a travessa em cima da mesa. Desde que Vannozza havia chegado, sem qualquer aviso, Adriana ignorara os comentários que a minha mãe fazia acerca dos criados, assim como os olhares expressivos que lançava às tapeçarias, às jarras de flores frescas e às estátuas que decoravam os cantos: tudo sinais da atenção do meu pai, de que ela desfrutara em tempos.

— As freiras asseguram-me que Lucrecia é uma excelente aluna — continuou Adriana. — Dança com graciosidade e revela um talento natural para o alaúde. A sua aptidão para os bordados também é muito admirada e até já domina o latim...

— Latim? — exclamou Vannozza, cuspidando migalhas. — Para além de estragar a vista com tanta leitura, também sabe entoar cânticos como um padre? Lucrecia vai para Espanha para se casar, não para dizer missa.

— Uma rapariga com o estatuto de Lucrecia deverá usufruir de todas as vantagens que estiverem ao seu alcance — alegou Adriana. — Para além do que poderá ser chamada a governar o seu país durante a ausência do marido. Até mesmo você, minha cara Vannozza, aprendeu a ler e a escrever, não foi?

— Sim, mas aprendi porque tinha as minhas hospedarias para gerir. Se assim não fosse, os meus fornecedores roubavam-me descaradamente.

Mas a Lucrecia? Mandei fazer o horóscopo dela quando nasceu e as estrelas ditaram que ela morrerá casada. Nenhuma esposa necessita de saber latim, a não ser que Rodrigo ache que ela pode entreter o marido com os seus conhecimentos até ter idade suficiente para abrir as pernas.

O sorriso de Adriana esmoreceu. Olhou para mim e disse:

— Lucrecia, meu amor, mostra a Donna Vannozza aquele bordado em que tens estado a trabalhar. É tão bonito.

Foi com relutância que me desloquei até ao banco junto à janela, horrorizada com a proclamação insensível que a minha mãe fizera acerca da minha morte. Ver o lugar de *Arancino* vazio na almofada só me enfureceu ainda mais. Peguei na fronha que estava a bordar para o meu pai. Era o desenho mais intrincado que alguma vez fizera, em que usava fios de ouro e prata para retratar o brasão dos Bórgias: o touro negro contra um escudo cor de amora. Planeava oferecer-lha no final do conclave. Era uma surpresa. Fiquei boquiaberta ao ver a minha mãe arrancar-ma das mãos como se fosse um guardanapo imundo.

Passou os dedos pelo bordado com demasiada força, deliberadamente, e um dos seus muitos anéis ficou preso num dos fios e deformou o touro, arruinando pontos que eu tinha passado horas a aperfeiçoar.

— Sofrível — declarou ela —, se bem que se pareça mais com Juno do que com o Minotauro.

Arrebatei-lhe o pano dos dedos.

— Suora Constanza diz que os meus bordados são os melhores de San Sisto. Segundo a irmã, se eu fizesse trapos para os pobres, a Virgem Maria choraria perante a beleza deles.

Vannozza reclinou-se na sua cadeira.

— Ah sim? Eu diria que a Virgem faria bem melhor em chorar perante a insolência intolerável que demonstras pela tua própria mãe.

— Ora, ora — interveio Adriana, deitando água na fogueira. — Não discutamos. Estamos todas com os nervos em franja por causa deste conclave que parece nunca mais acabar e do calor insuportável, mas seguramente que...

— Porquê? — murmurei, interrompendo Adriana. — Porque me odeia tanto?

As minhas palavras apanharam Vannozza desprevenida e alteraram ligeira e inesperadamente a sua expressão. Vislumbrei-a por um instante fugaz: um inusitado suavizar das suas feições que fez vir ao de cima uma

espécie de dor distante. Desapareceu logo de seguida, engolida pelo modo como franziu os lábios.

— Se ainda estivesses aos meus cuidados, batia-te com a cabeça contra a parede até aprenderes a ter respeito pelos mais velhos.

Não tinha dúvidas de que seria capaz de o fazer. Ainda recordava a dor pungente das suas bofetadas quando se enraivecia, frequentemente por motivos triviais como uma bainha manchada pela erva ou uma manga descosida. Receara a sua ira quase tanto quanto as suas consultas a videntes e astrólogos, o seu ritual noturno de deitar cartas de tarot, que me assustavam, pois estavam associados a bruxaria e eram proibidos pela Igreja.

Adriana suspirou.

— Lucrécia, o que vem a ser isto, afinal? Pede já desculpa. Donna Vannoza é nossa hóspede.

Segurando a fronha arruinada contra o peito, sussurrei:

— Peço desculpa, Donna Vannoza. — E depois virei-me para Adriana. — Dá-me licença? — Na sua cadeira, a minha mãe retesou-se; sabia que aquela minha atitude, ao pedir licença a Adriana, fora um desafio, uma declaração de que ela não tinha qualquer poder sobre mim. Senti-me recompensada pela expressão irada dela quando Adriana respondeu:

— Claro, minha filha. Este calor faz perder a cabeça a qualquer um.

Encaminhei-me para a porta; nas minhas costas, Adriana murmurou:

— Tem de desculpá-la. A pobre criança está desnorteada. Fui buscá-la a San Sisto há apenas dois dias, quebrando a sua rotina por causa deste inesperado conclave. Ela tem saudades das aulas e...

— Disparate — interrompeu Vannoza. — Sei muito bem que o culpado é o pai dela. Sempre a estragou com mimos, se bem que eu lhe tivesse dito que era uma imprudência. As raparigas crescem, casam-se e abandonam-nos. Dão à luz os seus filhos e colocam as suas novas famílias em primeiro lugar. Mas Rodrigo nunca me deu ouvidos. A sua Lucrécia, a sua *farfallina*, nunca será assim, diz ele. É *especial*. Desde que ela nasceu, ninguém é mais importante para ele. Atrevo-me a afirmar que, a seguir ao nosso filho Juan, ela é a única coisa que Rodrigo ama verdadeiramente.

O veneno na sua voz era quase palpável. Não olhei para trás, mas assim que cheguei ao corredor, tive de agarrar-me ao corrimão da escada e respirar fundo, de alívio.

Não me recordava de alguma vez ter sentido por parte da minha mãe outra coisa que não fosse desprezo. Para os meus irmãos mais velhos, Juan e César, havia sempre sorrisos, solicitude e palavras de encorajamento; a minha mãe adorava César, a ponto de ter chorado amargamente quando o meu pai o enviou para um seminário em Pisa, como se não voltasse a vê-lo: as primeiras e únicas lágrimas que a vi derramar. Até o meu irmão mais novo, Gioffre, que até então nada fizera de grande importância, tinha recebido mais afeto dela do que eu alguma vez recebera. Eu era a sua única filha, que ela podia ter tomado sob a sua proteção; todavia, em lugar disso, mostrara-se constantemente fria e severa, como se a minha mera existência fosse para ela uma ofensa. Nunca compreendi porque assim era e toda a minha infância ansiei por escapar ao seu jugo. Ir viver com Adriana havia sido a resposta às minhas preces. Ela mostrara-me que eu era importante, adorada, que era, de facto, como o meu pai afirmava, especial.

De repente, ansiei por vê-lo. Ele visitava-me sempre que podia, pois em casa de Adriana já não tínhamos de fazer de conta. Em casa da minha mãe, tratávamo-lo por tio, porque Vannoza era casada e havia que manter as aparências. Contudo, ali não havia necessidade de tal subterfúgio. Depois do jantar, o meu pai abraçava-me, acariciava-me o cabelo e sentava-me no seu colo, encantando-me com histórias sobre os nossos antepassados, pois não éramos italianos e nunca devíamos esquecer-lo. Se bem que o seu tio tivesse sido o papa Calisto III e a nossa família residisse em Roma há várias gerações, o nosso sangue era catalão, oriundo do vale escarpado do rio Ebro, que ficava no reino de Aragão. «Borja» era o nosso apelido espanhol e os nossos ascendentes haviam combatido nas Cruzadas contra os Mouros, acumulando títulos, propriedades e favores reais que nos haviam permitido aceder à Igreja e chegar à Santa Sé.

— Mas nunca te esqueças, minha *farfallina* — dizia o meu pai, usando a alcunha que me dera. — Por mais que ascendamos ou por mais ricos que nos tornemos, temos sempre de nos proteger uns aos outros, como os leões numa alcateia, porque somos vistos como estrangeiros que a Itália nunca aceitará como seus.

— Mas eu nasci aqui e não me pareço consigo — respondi, olhando-o nos olhos escuros e magnéticos, com a palma colada à sua face trigueira. — Isso quer dizer que também sou estrangeira?

— És uma Bórgia, minha borboletinha, ainda que tenhas herdado o tom de pele e de cabelo da tua mãe italiana. — Soltou uma risada.

— Graças a Deus por isso. Não irias querer parecer-te comigo, um touro espanhol! — Cingiu-me a si. — Nas tuas veias corre o meu *sangre*: o sangue dos Borja. Isso é a única coisa que importa. O sangue é a única coisa em que podemos confiar, a única coisa pela qual vale a pena morrer. Sangue é família e *la familia es sagrada*. — Beijou-me. — És a minha filha mais querida, a pérola da minha ostra. Nunca te esqueças disso. Um dia, esta terra miserável que tanto nos despreza tombará de joelhos aos teus pés, exaltando-te. Surpreendê-los-ás a todos, minha bela Lucrecia.

Embora não conseguisse compreender de que forma iria eu obrigar Itália a ajoelhar-se (já era bastante complicado agradecer às freiras de San Sisto), ri e torci-lhe o nariz aquilino, pois sabia que ele tinha outras filhas, nascidas de outras mulheres, mas nenhuma delas, seguramente, era alvo de uma devoção assim. Via-a no seu olhar, no sorriso largo e embevecido que lhe iluminava o rosto forte e sentia-a no seu abraço apertado. O grande cardeal Borgia, invejado devido à sua riqueza e tenacidade, considerado o servo mais digno de confiança da Igreja de Roma, amava-me mais do que a qualquer outra pessoa. E, por isso, eu envaidecia-me e regozijava-me no seu colo, porque isso lhe agradava, porque isso o fazia rir, e a sua risada era ribombante, começando no fundo da barriga e estremecendo-lhe o tronco (que me fazia cócegas) até irromper com um estrondo grave que parecia sacudir as paredes do *palazzo*; uma gargalhada exuberante e orgulhosa, rude e imbuída de uma contagiante alegria de viver. Escutava o seu amor naquelas risadas, sentia-o quando me cobria de beijos e dizia: «És uma coquete! Tão parecida com a tua mãe quando era jovem. Também ela era capaz de fazer-me olhinhos assim e derreter-me a seus pés.»

Não conseguia imaginar Vannozza a fazer olhinhos a quem quer que fosse. Na verdade, bastara um olhar fulminante dela, um sorriso escarninho para pulverizar qualquer vestígio de felicidade que eu pudesse sentir.

Naquele momento, pela primeira vez, compreendi. Agora sabia por que razão ela me odiava.

Desde que ela nasceu, ninguém é mais importante para ele...

Eu possuía algo que ela já não tinha: o amor do meu pai.

Um miado queixoso despertou-me. Curvando-me, aliciei *Arancino* a sair de detrás de uma das estátuas antigas e partidas que havia no pátio. Ao pegar-lhe ao colo, ouvi passos ecoar no *cortile*, o pátio mais abaixo. Com o gato nos braços, espreitei por cima da balaustrada e vi Giulia, a nora de Adriana, atravessar o pátio interior em passo apressado.

Desabotoando a capa, entregou-a à criada e, ao mesmo tempo que compunha o penteado — em desalinho por causa do capuz — subiu as escadas rumo ao *piano nobile*, o piso onde ficavam as salas de visitas. O vestido de seda coral colava-se-lhe ao corpo, humedecido pela transpiração; tinha um ar afogueado e tão determinado em chegar ao seu destino que só reparou em mim quando já estava quase a pisar-me. Com uma exclamação, estacou, os seus olhos escuros arregalados e cintilantes.

— Lucrécia! *Dio mio*, quase me mataste de susto! Que fazes aqui escondida?

— Chiu! — Levei o indicador aos lábios, olhando de relance para a saleta onde o tom murmurante da voz de Adriana era pontuado pela ocasional resposta em *staccato* da minha mãe.

— Vannozza? — indagou Giulia, mexendo apenas os lábios.

Fiz que sim com a cabeça, reprimindo uma risadinha. Giulia e a minha mãe haviam-se conhecido dois anos antes, quando Vannozza assistira ao casamento de Giulia com o filho de Adriana, Orsino. Depois da cerimónia presidida pelo meu pai, Vannozza, que estava sentada à mesa do banquete, olhara ameaçadoramente para o meu pai ao vê-lo honrar Giulia com um pendente de rubi. Ao colocar-lho ao pescoço, Giulia rira de alegria e as suas gargalhadas ecoaram pelo salão. Sentada perto da minha mãe, vi a sua expressão toldar-se. Quando Giulia e Orsino se levantaram para dançar, a graciosidade dela fazendo-o parecer ainda mais uma marioneta desconjuntada, ouvi Vannozza sibilar:

— Com que então, foi a isto que chegámos? Viras-me as costas por uma repariguinha inexperiente?

O meu pai franzira o sobrolho. Reparei nisso porque raramente ele se mostrava zangado em público. Por entre os dentes cerrados, respondeu:

— Vannozza, por mais alto que tente elevar-te, nunca sairás da sarjeta.

A expressão chocada de Vannozza fora para mim uma fonte de prazer. Partiu pouco tempo depois, com o seu complacente marido a reboque. Antes de sair, todavia, lançou ainda um olhar desesperado a Giulia, rodopiando ao som dos tamboretas e dos instrumentos de corda, e ao meu pai, sorrindo de orelha a orelha no estrado onde estava a mesa principal do banquete e marcando o ritmo da música no braço do seu cadeirão estofado.

Ao contemplar Giulia, com a testa transpirada e os olhos brilhando de emoção ilícita, recordei o modo como as mãos do meu pai se haviam

demorado sobre o pescoço dela ao colocar-lhe o colar e a pele de Giulia captara o reflexo dos anéis adornados de joias que o meu pai usava.

Giulia completara 18 anos. Já não era uma criança.

— Onde estiveste? — perguntei. — Adriana julgava que estavas lá em cima, a dormir a sesta.

Em resposta, ela agarrou-me a mão e puxou-me pela escada acima até ao terceiro piso, onde ficavam os nossos quartos. *Arancino* permitiu-se ser sacudido contra o meu peito ao mesmo tempo que trepávamos os degraus e entrávamos no meu quarto. As paredes estavam pintadas em tons de azul e amarelo, as minhas cores preferidas. Num nicho, junto à cama, uma vela ardia em frente a um ícone bizantino da Virgem com o Menino, uma prenda do meu pai. No canto estava uma pilha de volumes encadernados a couro e calfe que César me tinha enviado da universidade, em Pisa: sonetos de Petrarca e Dante, que eu devorava à luz da vela, pela noite adentro.

— Deus nos ajude! Está um inferno, lá fora. — Giulia apontou para o jarro e bacia em majólica que estavam em cima da mesa. — Sê uma querida e traz-me uma toalha molhada. Juro que estou prestes a desmaiar.

Pousei *Arancino* para obsequiar Giulia.

— Foste à *piazza*, não foste? — disse, estendendo-lhe a toalha húmida.

Ela suspirou, semicerrando os olhos ao mesmo tempo que passava o pano de linho branco pelo pescoço e pelo colo. Esperei impacientemente que ela terminasse a suas abluções.

— Então? Foste ou não foste?

Giulia abriu os olhos.

— O que é que tu achas?

O meu queixo caiu.

— Saíste sem permissão, depois da Adriana nos ter pedido que não saíssemos de casa?

— É claro — respondeu Giulia, como se o seu ato fosse uma ocorrência normal, como se as jovens nobres passeassem pelas ruas todos os dias sem acompanhantes ou paus de cabeleira, ao mesmo tempo que a cidade ardia em fogo lento e aguardava que o conclave chegasse a uma decisão.

— E... viste alguma coisa? — indaguei, o meu espanto perante a sua audácia debatendo-se com uma pontada de ressentimento por não ter sido convidada para uma tal excursão ilícita.

— Sim. Hordas de rufiões tomaram as ruas de assalto e juram vingança se o cardeal Della Rovere não for eleito. — Fez uma careta. — Deixaram a *piazza* num esterco e roubaram os fiéis ali reunidos. A guarda papal teve de os dispersar. É uma vergonha.

— A Adriana avisou-nos de que é sempre perigoso sair à rua antes da eleição de um novo papa.

Giulia fez uma pausa e uma expressão sardónica.

— E a Adriana está aqui conosco, por acaso? Ou será que estou a falar com a minha Lucrécia? Hã? — Vendo a minha expressão de desânimo, já que, por mais que amasse Adriana, não queria *ser* como ela, Giulia acrescentou: — É claro que foi perigoso, mas se não o fizesse, como iríamos ficar a saber as novidades? A Adriana não tem nada para nos dizer! — O seu tom de voz ganhou então um novo ânimo. — O conclave não anda nem desanda. Nenhum dos candidatos conquistou votos suficientes. Amanhã, será apenas servido pão e água aos cardeais.

Colocando a contrariedade que sentia para trás das costas, empolei-rei-me na cama. Sabia que, quanto mais tempo os cardeais demorassem a eleger um novo papa, mais coartada se tornava a sua clausura na Capela Sistina. A anarquia podia muito bem ser o resultado de um trono papal vazio durante demasiado tempo, e reduzir os privilégios dos cardeais, supostamente, assegurava uma votação mais célere. Contudo, tinham-se já passado quatro dias de impasse e Roma estava ao rubro.

— Devem estar esfomeados — prosseguiu Giulia —, já para não dizer a assar vivos dentro da capela, com as portas e as janelas entaipadas. Mas nenhum outro candidato poderá vencer, exceto o teu pai, que há de estar neste momento a convencer os indecisos a votar nele. — Calou-se, medindo as suas palavras. — Se tudo correr conforme planeado, o cardeal Bórgia será o nosso próximo Santo Padre.

Resisti a revirar os olhos. Giulia sabia ser *tão* dramática.

— Não seria a primeira vez que o meu pai falhava a eleição — referi. Não mencionei que, na realidade, já a perdera por duas ocasiões. Eu era, na altura, demasiado jovem para testemunhar os seus reveses, mas a história das suas derrotas havia sido repetida vezes suficientes para que eu dela tivesse conhecimento. O meu pai nunca tinha perdido a esperança de vir um dia a ser merecedor da honra de se tornar o primeiro Bórgia a seguir os passos do seu falecido tio, Calisto III, assim Deus o auxiliasse. No entanto, tinha havido outros papas desde então, incluindo Inocência,

falecido recentemente e a quem o meu pai servira fielmente, embora o serviço leal não tivesse, até então, assegurado a sua própria ascensão.

— Isso foi antes — afirmou Giulia. — Agora, tudo é diferente. Sinceramente, Lucrecia, as freiras de San Sisto não vos ensinam nada acerca do mundo para lá dos muros do convento? — Não esperou pela minha resposta, ignorando a minha carranca e arrancando a rede que lhe segurava as tranças húmidas e acobreadas e deixando-as pender-lhe pelas costas. — Eu explico-te: em Florença, Lourenço de Médicis morreu, e Milão é agora governado pelo tirano da família Sforza, Ludovico, o *Mouro*. Veneza continua a manter-se à distância, ao passo que a casa real de Nápoles se encontra dividida entre a França e a Espanha, sendo que ambas reclamam o direito ao trono. Só o papa pode impedir o caos. Agora, mais do que nunca, Roma precisa de um líder que conheça os corredores do poder e possa restaurar o nosso... Oh, deixa lá! — exclamou ela, irritada, pois o seu tom moralista entediara-me e eu desviara a minha atenção para *Arancino*, que tentava caçar um mosquito num dos cantos do quarto. — Não sei para que me dou ao trabalho. Tu não passas de uma criança.

O nó que senti no estômago apanhou-me desprevenida. Até àquele momento, nunca me atrevera a questionar Giulia, que via como uma irmã mais velha bastante mais sofisticada e ocasionalmente irritante. Vivíamos em afável companhia há cinco anos, mas ela era casada e conhecida por toda a cidade como *Giulia, La Bella*, ao passo que eu continuava lisa de peito e não tinha ainda sido iniciada nos mistérios da feminilidade. No entanto, havia aprendido uma coisa naquele dia; sabia que possuía um dom que até a minha mãe invejava e, por isso, não ia deixar que Giulia continuasse a tratar-me como se eu fosse uma menininha palerma.

— Se não passo de uma criança — disse —, ninguém poderá levar a mal se deixar escapar que hoje saíste de casa sem permissão, arriscando a pele por causa de mexericos.

Giulia ficou muito quieta, com os dedos entrelaçados no cabelo. Olhou-me durante um longo momento, e no final esboçou um sorriso.

— Com que então, chantagem! Tão tipicamente Bórgia da tua parte! Encarei o comentário como um elogio.

— Se o que afirmas é verdade e o meu pai vai tornar-se o novo papa, seguramente que mereço saber de que modo isso me irá afetar.

— Tens razão. — Giulia humedeceu os lábios. — Que queres saber?
— Tudo.

Para minha surpresa, falava a sério, apesar de nunca ter prestado atenção a intrigas. Raramente ia ao Vaticano porque as minhas lições em San Sisto me mantinham ocupada. Mudanças drásticas, porém, estavam prestes a suceder e o meu pai encontrava-se no centro delas. De repente, o meu futuro parecia ter ganhado uma importância maior. À minha frente abriam-se inúmeras e promissoras possibilidades.

Giulia inclinou-se na minha direção.

— Bem, os cardeais entraram na capela convictos de que o cardeal Della Rovere venceria. Afinal de contas, há meses que fazia campanha pela mitra papal, subornando toda a gente e mais alguma. Correm até rumores de que o próprio rei Carlos de França pagou vinte mil ducados para assegurar a eleição de Della Rovere. Assim que as janelas foram entaipadas e as portas acorrentadas, porém, o conclave não lhe correu tão bem quanto ele esperava. Della Rovere tem inimigos, mais do que pensava. O cardeal Sforza, de Milão, por exemplo, fez-lhe frente. *o Mourro* não quer ter um lambe-botas francês no trono e...

— Como é que tu sabes tudo isto? — quis saber, cortando-lhe a palavra. *Arancino* saltou para cima do colchão, ronronando. Acariciei-lhe o pelo, mantendo o olhar fixo em Giulia. — O conclave não proíbe qualquer contacto com o mundo exterior para que o processo de eleição permaneça sagrado?

Querida provar-lhe que não era tão ignorante como ela pensava, mas Giulia limitou-se a descartar impacientemente com um gesto da mão as minhas palavras.

— Sim, sim. Sagrado para a horda que enche a *piazza*, talvez, mas não para aqueles que conhecem o seu modo de funcionamento oculto. O papa Inocêncio estava doente há meses; Rodrigo teve tempo suficiente para reunir aliados, embora ninguém acreditasse que ele tinha hipóteses de vencer o conclave. É assim que se ganha um *pallio*. Ninguém repara no cavalo mais lento que vai ganhando terreno, até que este corta a meta.

Rodrigo...

Era a primeira vez que a escutava pronunciar o nome do meu pai, e a intimidade que a sua voz deixou entrever souou-me blasfema. Até então, ele sempre fora, nos lábios dela, o cardeal Bórgia, o nosso benevolente benfeitor. A desconfiança que sentira ao vê-la nas escadas regressou, tornando o meu tom mais severo.

— Estás a dizer que o meu pai te informou dos seus planos, que te contou tudo isso?

— Não exatamente, mas mesmo com os cardeais trancados na capela, os criados entram e saem. Têm de esvaziar penicos e levar comida e mensagens. E os criados, à semelhança dos cardeais, podem ser subornados.

Fiquei calada. Com um punhado de palavras, Giulia mostrara-me o pouco que eu sabia, na verdade.

— E...? — incitei-a, ao fim de um momento.

A voz de Giulia tornou-se mais tensa e acelerou ao mesmo tempo que descrevia acontecimentos acerca dos quais, em abono da verdade, ela nada devia saber; era como se tivesse sido enclausurada na Capela Sistina com o meu pai e os seus colegas cardeais.

— Depois da terceira ronda de votações, tornou-se claro que Della Rovere não iria ganhar. O cardeal Sforza também não conseguira os necessários dois terços dos votos. O teu pai proferiu um discurso com o qual persuadiu alguns cardeais a passar para o seu lado, mas depois fez a sua jogada, prometendo a Sforza o seu próprio cargo de vice-chanceler. — O sorriso dela era triunfante. — Era o bastante para conquistar Sforza, tão certo como dois e dois serem quatro; Ascânio Sforza está enterrado em dívidas e a vice-chancelaria é o cargo mais lucrativo do Vaticano. Talvez amanhã já esteja tudo resolvido. O teu pai só precisa de um voto. Um. E, se bem o conheço, fará o que tiver de ser para o obter.

Recostei-me nas almofadas da cama, com a cabeça à roda. Já não me interrogava de que maneira Giulia conseguira ter acesso a informação confidencial; a única coisa em que pensava, a única coisa que via, era o meu pai, vestido de branco e dourado, com o anel de São Pedro, o anel do pescador no dedo.

— O meu pai pode vir a ser papa — disse em voz alta, incrédula.

Giulia bateu palmas.

— Imagina só! Vamos poder desfrutar de tantas coisas. Os nossos dias vão estar preenchidos de manhã à noite. Tu serás a mulher mais cobiçada da corte dele, a filha querida de Sua Santidade. — Esticou os braços para mim e abraçou-me. Pressionada contra ela, ouvi-a murmurar: — Amanhã, Lucrecia. Amanhã tudo mudará.

Fechando os olhos, cedi ao seu entusiasmo, ainda que, bem lá no fundo, tenha sentido uma inesperada pontada de medo. Não tinha assim tanta certeza se ser filha do papa era algo por que devesse ansiar.

CAPÍTULO DOIS



Incapaz de se conter, durante o jantar Giulia deixou escapar as informações que reunira, granjeando um olhar severo por parte de Adriana e um grunhido reprovador por parte da minha mãe, seguramente contrariada por as suas cartas de tarot não lhe terem revelado um acontecimento tão decisivo. Fosse como fosse, a importância da revelação não podia ser ignorada e tal levou Vannozza e Adriana a trancarem-se na sala de visitas para discutirem um plano de ação, enquanto eu e Giulia subimos aos nossos quartos, onde passaríamos a noite insone.

Quando o quinto dia do enlave amanheceu, Adriana anunciou que tínhamos de ir ao Vaticano. Se o meu pai se tornasse papa, como Giulia afiançava, teríamos de lá estar para testemunhar o anúncio. Antes de qualquer outra coisa, porém, Adriana empurrou Giulia, a minha mãe (que ficara num quarto de hóspedes) e a mim para a capela com o objetivo de rezarmos pela eleição do meu pai.

Ao ajoelhar-me em frente ao altar, os olhos ardiam-me do sono, e ouvia ainda a tagarelice animada de Giulia acerca das joias, vestidos, peles e outras riquezas que em breve seriam nossas. No entanto, uma parte de mim continuava receosa, sombria, em sintonia com a corrente que podia arrastar-nos como uma enchente, submergindo o passado e revelando um futuro desconhecido.

Não precisava de rezar. O meu pai venceria. Como Giulia tinha dito, ele tudo faria para alcançar a vitória. No final, reunimos e mobilizá-mos os criados para sairmos, cobrindo-nos de capas e véus para escondermos a nossa identidade. Tivemos de renunciar a carruagens ou liteiras para evitar atrair atenções; mas a verdade é que ao percorrer as ruas,

afastando cães e porcos do nosso caminho, mal sentia a gravilha e as pedras da calçada sob os meus pés. Estava tão ansiosa para chegar ao Vaticano que consegui ignorar os olhares de esguelha e mordazes da minha mãe.

Serás a mulher mais cobiçada da sua corte...

Depois de atravessarmos a Ponte Sant'Angelo, subimos a rua estreita que conduzia ao Vaticano, composto pelo Palácio Apostólico, a residência oficial do papa, e uma variedade desconcertante de edifícios, passagens cobertas e pátios interiores, não esquecendo a Santa Basílica, erigida sobre o túmulo e local de crucificação de São Pedro, cujo martírio fundara a Igreja Católica.

Encontrávamo-nos então no coração de Roma, perante os vetustos edifícios da nossa fé. Talvez por não visitar muitas vezes o Vaticano, surpreendeu-me o aspeto humilde e decrépito que tudo ao meu redor evidenciava: telhados cambados, fachadas a esboroar-se decoradas com anjos de pedra enegrecidos e santos sem rosto contemplando a praça empedrada. De onde nos encontrávamos, a enorme fonte em frente ao átrio do palácio que providenciava água aos residentes e onde eu, em criança, mergulhara certa vez os pés, mal se via. Mas consegui constatar que a área em redor — normalmente povoada de vendedores de bugigangas e de delicioso grão-de-bico assado — estava deserta, bloqueada pelo regimento da guarda papal.

O ar matutino, sendo ainda bem cedo, era fresco, mas não tardei a começar a transpirar sob a capa e o capuz. O meu estômago queixou-se. Determinada a pôr-nos ali, Adriana esquecera o nosso pequeno-almoço e eu teria dado qualquer coisa por um saco de grãos assados. Para passarmos despercebidas, tínhamo-nos disfarçado de mulheres devotas que apenas desejavam saber se em breve iríamos ter um novo Santo Padre, porém, a praça estava deserta e da irregular calçada desprendia-se alguma neblina. A guarda papal circundava as escadas que davam acesso à basílica, mas havia outros guardas encostados às paredes dos edifícios, os seus rostos macilentos e olhos turvos evidenciando que descansavam pouco e bebiam muito.

O Sol irrompeu então por entre as nuvens. Começaram a aparecer mais pessoas: viúvas de luto, segurando rosários; mães assoberbadas trazendo os filhos encardidos atrás de si; homens de chapéu na mão; mercadores e vendedores de rua, e, por último, as franjas da sociedade: as prostitutas com as suas saias rodadas e corpetes cingidos, ladrõeszitos

e carteiristas à procura de uma boa oportunidade. Alguns minutos mais tarde, o som de passos ecoava pela praça ao mesmo tempo que toda a gente se congregava o mais perto que podia da velha basílica sem perturbar os guardas. Todos os olhos se fixavam na janela da Capela Sistina, que refletia apenas a sua parede provisória de tijolos, assim projetada para que pudesse ser derrubada facilmente para anunciar o novo papa.

Apressámo-nos a juntar-nos à multidão, os nossos criados formando uma barricada à nossa volta.

A maior parte das mulheres ajoelhou-se. Por debaixo do seu véu, Giulia lançou-me um olhar de consternação que me deu vontade de rir. Receava sujar o seu suntuoso vestido azul, que insistira em vestir para impedir Adriana, muitas vezes movida pela piedade, a obrigar-nos a ajoelhar também. Podiam passar-se horas até que o anúncio fosse feito, se é que viria a sê-lo. Observando as antigas lajes, enegrecidas por séculos de uso, partilhei da relutância de Giulia, ainda que o meu vestido fosse de linho. Entre a fome que sentia e a sujidade que tinha à minha frente, comecei a desejar ter ficado em casa, enroscada com *Arancino*, longe da população...

A minha mãe agarrou-me o braço.

— Não penses que o que aqui se passar irá alterar o teu destino. Estás prometida; terás de viajar para Espanha, para longe de Roma e da companhia dele. Ele nunca será teu.

Ao rodar a cabeça, deparei-me com o seu olhar dardejante.

— Ele é meu pai — ripostei. — Já é meu.

A fúria que ela sentia contorceu-lhe a boca num esgar de ódio.

— Não por muito mais tempo. Achas que poderá manter a filha por casar junto a ele, para que todos a vejam? Filhos, sim; um papa pode sempre encontrar cargos para os filhos, lugares discretos, mas com influência, que o ajudem a consolidar o seu poder. Porém, uma filha terá de casar com quem ele achar adequado.

Um arrepio percorreu-me a coluna. Adriana e Giulia viraram-se para nós, ambas de testa franzida, mas antes que pudessem intervir a multidão avolumou-se subitamente como uma onda, impelindo-se para a frente e irrompendo num grito de alegria. Segui com o olhar o sem-número de dedos que apontavam para cima; um murmúrio coletivo espalhou-se pela praça, como uma rajada de vento: *Habemus papam!*

Atordoada, vi os tijolos que tapavam a janela serem arrancados às mancheias. Por entre uma nuvem de pó avermelhada, a vidraça abriu-se.

Vislumbrei as umbrosas silhuetas no interior da capela antes de uma delas se assomar à janela, lançando um punhado de penas brancas para a rua. Vogaram pelo ar, como que prestes a levantar voo, até a força da gravidade as fazer tombar sobre as lajes do pavimento. As pessoas correram a apanhá-las e só então me dei conta, ao mesmo tempo que Giulia se precipitava para a frente, de que não eram penas, mas pequenos pedaços de papel dobrados ao meio.

Ignorando a sujidade à sua volta e o que esta lhe fizera ao vestido, Giulia segurava um dos papéis na mão, apertando-o com força. Abrindo-o, sob os olhares ansiosos da minha mãe e de Adriana, que espreitaram por cima do seu ombro, leu em voz alta:

— «Temos como nosso papa o cardeal Rodrigo Bórgia de Valência, conhecido como Alexandre o Sexto.»

— *Deo gratias!* — gritou Adriana. As lágrimas corriam-lhe pelas faces.

Ao meu redor, a aclamação ter-se-á espalhado por toda a praça, que irrompeu em vivas e aplausos, mas eu não me apercebi do atropelo da turba para alcançar os restantes papéis nem dos gemidos e gritos de dor ao mesmo tempo que se pisavam mãos e partiam dedos.

Depois, numa repentina onda de som, que senti quase como uma bofetada, escutei o cântico: «*Deo gratias, Roma per Borgia!*»

Os gritos extáticos enxotaram os pombos que se abrigavam nos beirados da basílica. Ouvir o nome da minha família assim enaltecido foi ao mesmo tempo surpreendente e desconcertante. Ao meu lado, Giulia anunciou, com a voz embargada:

— Olhem! Ali está ele, à janela!

Os nossos criados juntaram-se mais a nós, numa atitude protetora, quando a multidão bradou ao ver a figura corpulenta do meu pai. Ergueu a mão, abençoando os presentes. As pessoas ajoelharam-se, incluindo a minha mãe e Adriana, que murmuraram preces em ação de graças. Giulia puxou-me pela saia, incitando-me:

— Lucrécia, tens de te ajoelhar para mostrar a tua devoção!

Ensurdecida pelo clamor coletivo que saudou a primeira aparição do meu pai como Alexandre VI, o nosso novo Vigário de Cristo, ajoelhei-me, arrebatada pelos acontecimentos.

— *Roma per Borgia!* Roma pelo Bórgia!

Os brados guturais das pessoas encheram a praça, ecoando pela cidade de tal maneira que podia dizer-se que toda a gente em Itália os

conseguia escutar. Tive vontade de rir; embora não conseguisse ver o rosto do meu pai à janela, com as mãos no ar, sabia que também ele estaria a conter as gargalhadas.

Triunfara.

Uns momentos depois, ouvimos o distinto som de ferraduras. Um grupo de homens envergando a libré cor de amora e açafão dos Bórgias cavalgava na nossa direção, acompanhado de um destacamento de espadachins contratados, a pé. As pessoas desviaram-se perante o avanço do cavaleiro que encabeçava o grupo, alheado em relação às suas tentativas frenéticas de saírem do seu caminho e evitarem serem espezinhadas.

Puxando pelas rédeas, parou junto a nós, tirando o chapéu e deixando tombar uma cascata de cabelo castanho-avermelhado. Reconhecendo-o, e embevecida pela sua aparição, a minha mãe correu para ele.

— Juan, *figlio mio!* Ganhámos o dia!

O meu irmão lançou-lhe um esgar insolente, os seus cintilantes olhos verde-azulados destacando-se no rosto trigueiro. Aos 16 anos, era já um homem, o gibão de veludo realçando-lhe o peito musculado. Com as suas feições aquilinas e nariz forte, emanava uma virilidade rude; fisicamente, era, de nós os quatro, o que mais se parecia com o nosso pai.

— Podemos ter ganhado o dia de hoje — disse ele —, mas não chegão ao final dele se ficarem aqui. O pai logo viu que vos encontraria aqui na praça, apesar de vos ter ordenado que permanecessem dentro de portas. Mandou-me vir dizer-vos que se apressem a chegar ao *palazzo* antes que esta rale se descontrole. No final do dia, não restará um lugar em Roma no qual não tenham defecado ou pilhado. Já cercam o palácio do pai com o objetivo de o saquear por completo.

Fiquei horrorizada.

— O *palazzo* do pai, não!

Erigido no local de uma antiga fonte, a casa do nosso pai na Via dei Bianchi era famosa pelo seu esplendor; em cada uma das divisões havia frescos nas paredes, requintadas tapeçarias vindas da Flandres e antiguidades desenterradas do Fórum. O *palazzo* albergara embaixadores, cardeais e até mesmo reis. O meu pai costumava dizer que, a seguir aos filhos, o Palazzo Borgia era o seu tesouro mais estimado.

Juan encolheu os ombros.

— Não há nada a fazer. Já enviámos homens para tentar conter os desmandos, mas é costume dar rédea livre à população. O Santo Padre não

necessita de futilidades materiais; agora é o servo de Deus e tudo o que tem deve ser devolvido ao seu rebanho. — Deitou um olhar depreciativo às pessoas ali reunidas, nenhuma das quais se atrevia a aproximar-se. — Que desperdício! Esta gentalha limitar-se-á a transformar tudo em acendalhas ou em cueiros para os ranhosos dos seus fedelhos!

— Oh, não. — Adriana empalideceu. — A minha casa: temos de ir já.

Giovanni apontou para os seus homens.

— Eles escoltam-vos. Levo uma de vocês no meu cavalo. — Giulia acotovelou-me e quase me abalroou na sua ânsia de chegar ao meu irmão, mas ele franziu a testa e declarou: — Tu não.

Giulia estacou perante o tom frio que ele usou.

— Lucrécia, anda — chamou-me.

Juan e eu nunca havíamos sido muito chegados. Quando éramos crianças, arreliaava-me impiedosamente, enfiando grilos nos meus sapatos e sapos debaixo da minha almofada, até eu morrer de medo de me calçar e de me deitar. César, o nosso irmão, dizia que Juan tinha ciúmes da atenção que eu recebia, pois até ao meu nascimento, ele sempre havia sido o preferido do nosso pai.

Naquele momento, no entanto, estava mais preocupada em escapar à turba, por isso não resisti quando um dos lacaios de Juan pegou em mim como se não pesasse nada e me colocou na sela do meu irmão. O cavalo era enorme, um corcel de batalha; contornando a cintura de Juan com os braços, acomodei-me o melhor que pude (estava muito longe de ser uma amazona). Ele rodou a cabeça e sussurrou-me:

— Segura-te bem, maninha. — E aos seus homens ordenou: — Coloquem a minha mãe e Donna Adriana numa liteira! Djem, ocupa-te de La Farnese!

Ouvi a casquinada alegre da minha mãe e vi as faces de Giulia perderem a cor.

O príncipe turco Djem emergiu de entre o grupo que rodeava Juan, montado num puro-sangue árabe mais pequeno, de turbante na cabeça e esgar insolente nos lábios. Seria um homem bem-parecido, de rosto moreno e anguloso, com olhos de um tom verde pálido deslumbrantes, não fora a terrível reputação que o precedia. Tendo chegado a Roma como refém depois de o sultão, seu irmão, o ter exilado e concordado em pagar um soldo ao Vaticano para o manter afastado, Djem havia escandalizado

Roma com a sua aparência e trajes exóticos e o seu pendor para tudo o que fosse desonroso. Dizia-se que matara vários homens numa rixa e depois cuspira nos seus cadáveres; era também o companheiro preferido de Juan e nunca estava longe dele.

Giulia ficou chocada.

— Confias a minha segurança a este... A este bárbaro?

— Antes a um bárbaro do que à turba — replicou Juan.

Fez o cavalo dar meia volta e, com um grito, esporeou-o e levou-nos a galope pela *piazza*, forçando alguns presentes a lançar-se para o chão para não serem atropelados.

Ao mesmo tempo que nos afastávamos da multidão, cada vez maior na expectativa de uma rapina, olhei por cima do ombro e vi Giulia, muito quieta, sendo contornada por Djem, qual *picador* chuçando uma rês indefesa.

Foi a primeira amostra que tive do tal poder incipiente que, segundo Giulia, em breve eu iria deter. Era agora a filha do papa, ao passo que ela não passava da esposa de um Orsini.

Por mais que não quisesse admiti-lo, esta súbita mudança de estatuto agradava-me.

CAPÍTULO TRÊS



Juan e eu chegámos ao *palazzo* de Adriana antes dos restantes, deparando-nos com um grupo de pessoas já reunido à frente dos robustos portões da residência. O meu irmão tratou de afastá-las a poder de chicote, açoitando a torto e a direito e usando o cavalo para abrir caminho. Encolhi-me atrás dele, pressionando a cara contra as suas omoplatas, antecipando a violência que se seguiria.

— *Marrano!* — praguejou um homem. — Porco espanhol!

Senti qualquer coisa voar-me por cima da cabeça e embater contra os portões com um baque húmido. Instintivamente, olhei nessa direção. A cabeça de um porco deslizava pela entrada do *palazzo*. Virando a cara àquela porcária sangrenta, deparei-me com um mar de rostos irados. Era como se um milhar de mãos se esticasse na nossa direção, ansiosas por arrebatá-lo o que quer que pudessem.

Iam matar-nos.

Ao mesmo tempo que o nosso pai abençoava a cidade enquanto papa Alexandre VI, a sua filha e o seu filho estavam prestes a ser arrancados daquele cavalo e...

Juan apeou-se do cavalo, a pancada surda das suas botas contra o chão calcetado ecoando pela rua. Ao desembainhar a espada que trazia na extremidade da sela, gritou:

— Quem disse isso? — A lâmina afiada refletiu a luz do sol quando ele a brandiu perante a multidão. As pessoas que estavam mais perto de nós recuaram em conjunto, pisando e tropeçando nas de trás. — Mostre-se! — ordenou Juan. — Cobarde miserável, chega aqui e cospe o teu veneno na minha cara, se te atreves!

Um homem enorme chegou-se à frente, esfregando as mãos, do tamanho de presuntos, no seu justilho de couro. Tinha uma cicatriz horrenda ao longo do queixo e o escalpe rapado marcado por picadas de piolhos.

— Fui eu! — rugiu ele. — E volto a dizê-lo, na tua cara. Um judeu catalão não devia ser papa.

Tentei agarrar as rédeas do cavalo. O semblante do meu irmão ensombrou-se.

— Não somos judeus — respondeu ele, num tom que evidenciava uma calma de morte. — Nunca fomos judeus. Somos descendentes de sangue nobre espanhol. O nosso parente, Calisto terceiro, foi papa antes de nós, meu monte de esterco ignorante.

O homem deu uma gargalhada grosseira.

— Calisto era um porco amante de judeus, como o resto de vocês. Lá porque a vossa família se tem na conta de nobre, não quer dizer que o seja. Vocês não passam de lixo. A pila cheia de pus de um pedinte seria mais adequada ao trono da Santa Sé do que qualquer Bórgia.

O tropel de gente bradou em jeito de concordância, apesar de a maioria ter já recuado para formar uma barricada atrás do homem, deixando espaço suficiente que garantisse que, acontecesse o que acontecesse, teriam oportunidade de se pôr em fuga.

— Vais arrepender-te disso. E quem quer que te tenha pago para dizê-lo também — disse Juan.

Vi o homem deslocar furtivamente as mãos na direção do justilho.

— Pagar-me? Ninguém me compra para dizer a verdade, seu canalha filho de uma...

— Juan! — gritei.

O meu irmão reagiu tão depressa ao meu alerta que foi quase indiscernível. Num momento fulminava o homem com o olhar, no momento seguinte investiu contra ele, impulsionando a espada para cima com uma precisão letal.

Um risco vermelho desenhou-se na garganta do homem. Boquiaberto, arregalou os olhos e tossiu sangue. A multidão gritou quando Juan dirigiu nova estocada ao homem, dessa feita diretamente no peito dele. Com um grunhido gorgolejante, o homem tombou. Juan colocou-se em cima dele, de pernas escarranchadas e, com um rugido sobrenatural, ergueu a lâmina e apunhalou-o repetidamente, fazendo jorrar arcos carmesins.

Agitado pelo derramamento de sangue, o cavalo empinou a cabeça, relinchando, e começou a corcovear-se. Segurei-me às rédeas, esforçando-me por colocar os pés nos estribos, mas sentindo-me escorregar pela sela.

As pessoas debandaram em pânico, esquecendo quaisquer planos que tivessem de insultar ou pilhar os Bórgias residentes naquele *palazzo* perante a visão de Juan mutilando o cadáver como se estivesse possuído pelo demónio. Estava coberto de sangue quando finalmente levantou a cabeça, aturdido, apercebendo-se da aproximação dos restantes membros do nosso grupo. A chegada dos nossos criados e dos homens do meu irmão dispersou o que restava da ralé.

Os portões do *palazzo* foram abertos e Tomasso, o nosso mordomo, precipitou-se para a rua, a tempo de me agarrar pela cintura para me impedir de cair do cavalo. Juan e eu entreolhámo-nos; olhei então para o cadáver sangrento aos pés dele. Já não se assemelhava a um ser humano.

Espreitando do interior da liteira, Vannoza deu um grito. Apeou-se de imediato e correu para Juan.

— Que aconteceu? — Segurou-lhe a cara com as mãos em concha, sem se incomodar com o sangue que lhe salpicava a cara. Estava praticamente em cima do cadáver, mas parecia nem reparar nisso.

— Ele... difamou-nos — ouvi Juan responder, como se lhe fosse penoso falar. Segurava ainda a espada, que pingava para as pontas recurvadas das suas botas. — Chamou-nos *marranos*.

— E preparava-se para sacar de um punhal — acrescentei, trémula, se bem que já duvidasse se vira mesmo o homem sacar do que quer que fosse. — Eu vi... Vi-o levar a mão ao...

— Isso não importa. — A voz taxativa da minha mãe calou-me. Tirando um lenço de assoar do punho do vestido, começou a limpar o rosto de Juan. — Alguém que reviste esse animal — ordenou ela.

Os criados olharam uns para os outros. De dentro da liteira, Adriana disse:

— Vannoza, *per favore!* Isso não pode esperar até entrarmos?

— Não. — A minha mãe lançou-lhe um olhar furioso. — Este cão foi contratado para ladrar. Poderá ter qualquer coisa com ele que identifique o seu dono. Revistem-no, já disse!

— Será melhor fazer o que ela diz — murmurei a Tomasso.

Com relutância, o mordomo dirigiu-se ao corpo. Ouvindo um ruger-ruger de saias, virei-me e vi Giulia avançando na minha direção, encharcada

em suor e pálida, mas resoluta. Deu-me a mão e ficámos a ver Tomasso inclinar-se sobre o corpo e afastar pedaços do justilho retalhado. De cara franzida, o mordomo tentava revistar o justilho sem tocar nas entranhas que protuberavam do tronco mutilado do homem.

— Idiota! — Vannozza empurrou-o para o lado e, sem qualquer hesitação, vasculhou o corpo, as suas saias pretas absorvendo o sangue. Respirei de alívio quando a vi lançar uma pequena adaga a Tomasso. Com um gesto teatral, ergueu-se, brandindo uma bolsa. — *Eccola!* — Abriu-a e virou-a de cabeça para baixo para despejar o seu conteúdo na palma da mão: ducados de prata, e demasiados para um rufião comum.

— Quem? — Os olhos de Juan ardiam de raiva.

— Pensa — respondeu Vannozza. — Não precisamos de nenhum vidente para saber. Quem é que queria o papado? Quem é que gastou uma fortuna em subornos, para depois ser ultrapassado por Rodrigo? Um Bórgia conquistou as chaves do reino de São Pedro. Agora o seu inimigo buscará a vingança. Este infecto não se atreveria a confrontar-te se não fosse pelo dinheiro. Há de ser, sem dúvida, o cão de Giuliano della Rovere.

— Era. — O sorriso de Juan era assustador, deixando ver o sangue nos seus dentes. — Agora é carne para cães.

— Haverá outros. Os rafeiros andam em matilha.

— Podemos entrar antes que a turba regresse? — perguntou Adriana.

O aceno de cabeça de Vannozza deu início à debandada para o interior dos muros fortificados do *palazzo*.

Apenas Juan, Vannozza, Giulia e eu permanecemos imóveis. A minha mãe fez sinal a Tomasso.

— Tu! Trata disto. Lança-o ao Tibre, juntamente com aquela cabeça de porco. E lavem a rua. Temos convidados esta noite. Não queremos que sujem a roupa no esterco de Della Rovere. — Fez sinal a Giulia. — Leva-a para cima e a criada que lhe prepare um banho.

Giulia conduziu-me pela escada acima até aos meus aposentos. Mal atravessei a soleira da porta, uma enorme fraqueza apoderou-se de mim. Com a ajuda de Pantalisea, a minha aia, Giulia despiu-me.

— Vai buscar água — pediu Giulia a Pantalisea, que correu porta fora, os seus olhos castanhos e meigos do tamanho de pires.

Era apenas três anos mais velha do que eu, filha de um mercador que fizera um favor ao meu pai, conquistando assim um lugar para ela no

meu pessoal doméstico. Pantalisea havia partilhado da minha existência protegida, e devia ter visto Juan matar aquele homem.

Com um gemido de desespero, Adriana entrou no meu quarto.

— *Zia*, não é preciso preocupar-se. Não me aconteceu nada — disse-lhe, impaciente.

— Não te aconteceu nada? — repetiu ela, incrédula. — O Juan cometeu um pecado mortal no preciso dia em que o teu pai foi eleito papa. É um augúrio terrível, mais uma mancha no seu papado.

— Já parece a Vannozza — comentei, com exasperação. — Aquele homem insultou-nos e tinha um punhal. O Juan defendeu a nossa honra. Porque haveria o meu pai de ser castigado por isso?

— Não compreendes. O teu pai... — Calou-se assim que Pantalisea regressou com uma bacia de água. Adriana mordeu o lábio, trocando um olhar com Giulia. Percebi que havia ali qualquer coisa, uma espécie de mensagem tácita que passara entre ambas.

— Por favor, Pantalisea, acompanha Donna Adriana até aos seus aposentos — solicitei à minha aia, e ela apressou-se a auxiliar Adriana, que se apoiou nela como se o mundo estivesse à beira de acabar.

A porta fechou-se e Giulia e eu ficámos sozinhas. Ela fitou-me com um olhar pensativo ao mesmo tempo que eu despi a camisa e pegava na toalha para me esfregar. Ao olhar para os meus pés, reparei que a água na bacia adquirira um tom rosado. O sangue do homem devia ter-me atingido também. Tão estranho. Não sentira nada.

— O teu roupão está ali em cima da cama — informou Giulia. — Veste-o para não te constipares.

De facto, tremia quando me envolvi no roupão de veludo. Apesar de o sol brilhar com força lá fora, entrando pelas janelas em feixes abrasadores, sentia-me gelada.

O quarto mergulhou no silêncio.

— Foste muito corajosa — disse Giulia, por fim.

— Corajosa? — Não encarava a minha atitude como um ato de bravura. — Eu... limitei-me a avisar o Juan. Aquele homem... a sua mão ia deslizando lentamente em direção ao justilho e... — A minha voz desvaneceu-se e Giulia acenou com a cabeça como quem entendia.

— Apesar disso, o cavalo do Juan é maior do que qualquer outro que já tenhas montado — argumentou ela — e vocês eram dois contra aquela turba toda. O mais certo é que o teu alerta tenha salvado a vida ao

teu irmão ou, pelo menos, impedido que ele ficasse ferido. Devias estar orgulhosa de ti mesma. Poucas raparigas teriam a presença de espírito para agir como tu fizeste.

Observei-a em silêncio. Respeito, dei-me conta, foi o que ouvi na voz dela. Apanhou-me de surpresa. Ainda no dia anterior me censurara por não passar de uma criança, palerma e indefesa.

— O que é que a Adriana ia dizer acerca do meu pai? — perguntei.
— O que é que eu não entendo?

Giulia suspirou.

— Não sei se este é o momento certo, Lucrecia.

— Porque não?

Ela virou-se para o meu espelho.

— Aquele homem chamou-vos *marranos*. — Fez uma pausa, olhando para mim através do reflexo do espelho. — Sabes o que isso significa?

— Sim, claro. Um *marrano* é um judeu convertido. Mas nós não somos judeus... Pois não?

— Sois tão judeus quanto qualquer um destes supostos nobres italianos, que mal se toleram uns aos outros, quanto mais um estrangeiro. *Marrano* é o nome que eles dão a qualquer espanhol, em especial aos Bórgias, porque o teu pai não se contentou em regatear um pedaço miserável de terra ou um castelo arruinado. Queria a Santa Sé, e conseguiu-a. Foi por isso que vos insultaram: detestam a ambição da tua família. A Vannozza está certa: aquele tipo de gente anda em matilha. Só precisam de uma mão forte para os pôr na ordem. O Rodrigo em breve os prenderá a todos à trela, incluindo o cardeal Della Rovere.

Pressenti que Giulia não estava a dizer-me tudo.

— Mas a Adriana chamou-lhe «mais uma mancha» no papado do meu pai. Isso quer dizer que há outras. — Olhei-a fixamente, sustendo a respiração e vendo um sorriso elevar-lhe os cantos da boca.

— A Adriana referia-se a mim — confessou ela, por fim. — A outra mancha sou eu. — O seu sorriso rasgou-se. — Se te contar um segredo, prometes não dizer nada a ninguém?

Obriguei-me a responder que sim com um aceno de cabeça, ainda que não tivesse a certeza se queria saber.

— Muito bem. O teu pai e eu somos... — O seu tom de voz era divertido. — Somos amantes. E eu estou grávida dele.

Incrédula, emudeci. A primeira coisa que me ocorreu dizer foi:

— Mas tu és casada!

— E então? Achas que, por ser casada, não posso ter um amante?

Mal sabia o que responder. Giulia tinha razão, claro; se bem que não tivesse qualquer experiência naqueles assuntos, eu presumia que certas mulheres casadas quebravam os votos do casamento. Já suspeitava de qualquer coisa do género desde que ela me falara das maquinações do meu pai durante o conclave, um assunto privado de que ela nunca deveria ter tido conhecimento. Ter a confirmação das minhas suspeitas, porém, não tornava a questão menos perturbadora.

— O Juan sabe? — indaguei de repente, e a expressão de Giulia revelou medo.

— Porque me perguntas isso? — perguntou-me ela, por sua vez.

— Não sei. Talvez por causa da maneira como ele se comportou em relação a ti na *piazza*.

Ela fez uma careta de descontentamento.

— Talvez saiba. É possível que o teu pai lhe tenha contado. E isso explicaria por que razão se portou como uma besta, entregando-me aos cuidados daquele seu turco selvagem. O teu irmão é um homem ciumento; quer que o teu pai o ame apenas a ele. Chegou a fazer-me avanços, mas eu rejeitei-o. Julgo que ele nunca tinha sido repudiado... Por uma mulher, isto é.

Virou-se novamente para o espelho, endireitando as costas para examinar o tamanho da barriga, que a mim me parecia tão lisa como sempre. De súbito, dei-me conta de que não gostava dela.

— Mas a Adriana há de saber — persisti. — De certeza que sim, uma vez que te apelidou de mancha.

— Sim, sabe. — Giulia não souu minimamente perturbada. — Na verdade, foi ela quem ajudou a tratar de tudo. Mandou o meu marido, seu filho, ir viver para a propriedade da família em Basanello, pouco depois do nosso casamento. — Deu uma gargalhada. — O Rodrigo insistiu para que assim fosse. Disse que não queria que nenhum marido vesgo se intromettesse no seu...

— Para com isso. — A minha voz adquirira um tom frio. — Para de falar dele dessa maneira. É o nosso papa.

Virou-se para mim com uma mão na anca.

— Oh, minha querida. O papa continua a ser um homem. O Rodrigo não vai mudar só porque passou a usar o anel papal. Pelo contrário.

Confidenciou-me que pretende mudar-nos para um *palazzo* novo, perto do Vaticano, para poder visitar-nos sempre que quiser.

— A nós?

— Sim, Lucrecia, a nós. A ti e a mim. Já te disse, serás a mulher mais cobiçada da sua corte, mas se vou ser mãe de um filho dele, sem dúvida que mereço o meu próprio *palazzo*, no mínimo. — Lançou-me um olhar crítico. — Devias descansar. Estás muito pálida, e esta noite temos o banquete comemorativo. Tens de estar maravilhosa. — Dirigiu-se à porta. — Ah, em relação ao teu noivo espanhol... Não penses mais nisso. Um simples nobre valenciano já não servirá para a filha de Sua Santidade. Por esta altura, todas as casas nobres de Itália se preparam para fazer ofertas pela tua mão. Cobiçada, de facto. Não tardarás a ver-te vestida de noiva. — O seu sorriso deixava entrever um pouco dos dentes. — Imagina a festa do casamento! Será deslumbrante! Escolhe o teu vestido de seda verde para esta noite. O teu pai adora ver-te com ele.

Permaneci imóvel, como que paralisada, mesmo depois de ela partir.

Giulia seduzira o meu pai. Até então, sempre acreditara ser o centro da sua vida, a sua amada filha, prestes a tornar-me a princesa da sua corte, mas ela roubara-mo. Daria à luz um filho dele; ofuscar-me-ia para o resto da vida. Não importava se casava com o valenciano ou não. Giulia garantiria que eu não sairia da sua beira, da sua sombra, até que uma nova aliança fosse forjada para mim.

Uma fúria enorme cresceu dentro de mim. Era de facto uma criança, ainda, e tão impotente como no dia em que nascera.

Só que, entretanto, devia obrigações a uma mulher na qual sentia que já não podia confiar.

CAPÍTULO QUATRO



As enormes velas iluminavam o ar noturno, afastando com o seu aroma a citrinos as hordas de mosquitos que constituíam a maldição dos nossos verões. Os restos do cordeiro assado com ervas aromáticas, do pavão, javali e faisão, em conjunto com vinho e maçapão suficientes para alimentar uma legião, estavam a ser levantados das mesas; as alvas toalhas venezianas, agora cheias de nódoas, que cobriam as compridas mesas espalhadas pelo átrio, já tinham sido reunidas pelos criados para o seu mergulho em cubas de urina a ferver que lhes devolveria a sua anterior alvura.

Os convidados haviam começado a chegar ao *palazzo* de Adriana pouco depois do ocaso, uma verdadeira avalanche de primos e familiares dos quais nunca tinha ouvido falar, quanto mais conhecido, juntamente com muitos nobres ansiosos por partilhar da fama e fortuna da nossa família. Estavam então reclinados em almofadas no alpendre, desfrutando da brisa fresca que soprava vinda do Tibre, ou deambulavam pelos carreiros do jardim.

Apesar do ressentimento que sentia em relação a Giulia, seguira o seu conselho e vestira a minha *giornea* de seda verde, combinando-a com mangas de cetim amarelo. Pantalisea penteara-me o cabelo em canudos que emolduravam o meu rosto. A segurá-los, uma rede com uma única pérola. No final, disse-me que estava linda, como era seu dever; contemplando o meu reflexo ao espelho, decidi acreditar nela. Apesar de as minhas bochechas serem demasiado roliças e a minha boca larga demais, o corpo ainda reter alguma da gordura infantil e os seios serem ainda incipientes, reconfortava-me o facto de ser bem proporcionada

para a minha idade e de o vestido e o penteado realçarem os meus pontos fortes.

Tomando o meu lugar no vestíbulo ao lado de Adriana, cumprimentei todos os convidados. Juan estava à esquerda de Adriana, esfregado da cabeça aos pés e vestido de veludo preto, com um cinto de borlas douradas do qual pendia uma adaga ornamental ao estilo turco. Também ele acolheu os elogios efusivos dos convidados, encantando-os com o seu cativante sorriso (que apenas oferecia quando e a quem queria) como se não tivesse matado e mutilado um homem à porta de casa poucas horas atrás.

Foi um alívio que Giulia não tivesse tentado meter conversa comigo, passarinhando por entre os convidados no seu sumptuoso vestido encarnado de seda e colar de diamantes. Também a minha mãe me ignorou; envolta num vestido de veludo negro demasiado apertado, preferiu manter-se em pano de fundo, comandando os criados e mal prestando atenção ao seu próprio marido, Signore Canale, que chegou na companhia de Gioffre, o meu irmão de 10 anos.

A franja loura-acobreada do pequeno Gioffre tapava-lhe a testa sardenta e combinava com o justilho e colãs amarelo-acastanhados que vestira. Sorriu ao ver-me e eu abracei-o com ternura, mantendo-o ao meu lado quando os convidados assumiram os seus lugares.

— O *zio* Rodrigo não vem? — indagou Gioffre, ansiosamente, e eu sorri para esconder a raiva que senti. O meu irmão mais novo vivia com Vannoza, que ainda não o informara de que o seu estimado «tio», que Gioffre idolatrava, era, na realidade, o seu pai. Devia ser confuso. Já me tinha ouvido tratar Rodrigo por «pai», mas nunca perguntara diretamente por que motivo não podia fazer o mesmo. O mais provável era que já suspeitasse, mas porventura Vannoza dissera-lhe que partilhávamos a mesma mãe, deixando por explicar quem era o pai dele.

— Disseram-me que chegaria em breve — respondi. — Portanto, espero que te portes bem. Nada de te pões a correr atrás do *Arancino* ou a dar de comer aos cães por baixo da mesa, está bem?

Acenou com a cabeça, com um ar muito sério, mas, por via das dúvidas, assegurei-me de que ele ficaria sentado ao meu lado, onde podia cortar-lhe a carne e aguar-lhe o vinho. Não obstante tivesse garantido a Gioffre que o «tio» estava para chegar, quando o festim começou, a ausência deste continuava a fazer-se notar. Nas vezes de anfitrião, Juan fez as honras da casa, propondo um brinde à saúde do nosso pai antes de se lançar num

discurso interminável acerca da nova era que despontara sobre Roma, durante a qual a corrupção que marcara o passado seria abolida e a ordem de Cristo restaurada.

Se a hiperemotividade das suas palavras já seria de esperar, o modo como as proferiu nem tanto. Juan varreu a assembleia com um olhar ameaçador, como se pretendesse detetar por entre ela elementos insidiosos. Postos ao corrente do tumulto daquela manhã em frente aos nossos portões, alguns dos convidados estremeceram. Embora a rua que conduzia ao *palazzo* não evidenciasse quaisquer vestígios do sucedido, já que Tomasso seguira as ordens da minha mãe à risca, não tinha dúvidas de que, por vontade de Juan, a cabeça do capanga de Della Rovere estaria a adornar a nossa mesa, servindo de aviso macabro.

Finalmente, após horas de festejos, fui autorizada a levantar-me da mesa e levei Gioffre para os jardins, onde escaparíamos às inevitáveis coscuvilheiras e aos conspiradores. Perto da meia-noite, Gioffre e eu encontrávamo-nos empoleirados no rebordo da fonte, molhando as mãos na água, entretidos com o jogo a ver quem apanhava mais pontos de luz refletidos na água. Um estranho silêncio tombou ao nosso redor, como a bonança que antecede uma tempestade.

Pus-me de pé de imediato.

— Rápido, Gioffre. Seca as mãos. — Limpando as minhas às saias, encaminhámo-nos para a casa. Ainda mal tínhamos chegado ao terraço quando uma silhueta enorme se agigantou sob a colunata, a sua ribombante voz ecoando:

— E onde está a minha *farfallina*?

— Estou aqui! — Precipitei-me em frente, com Gioffre colado a mim. O meu pai envolveu-me nos seus braços, e senti o aroma almiscarado do incenso impregnado na sua roupa, juntamente com o cheiro da sua transpiração. Adorava a sua proximidade e a sensação de segurança que ela me transmitia. Com o meu pai ali, nada poderia correr mal. Ninguém se atreveria a tocar-nos ou a difamar-nos.

— Oh, minha querida. — Apertou-me com tanta força que senti o corpete espetar-se-me nas costelas e pressionar-me os pulmões.

— Não consigo respirar, pai — arquejei.

Com relutância, largou-me, franzindo a testa larga e bronzeada. Nunca usava chapéu, não obstante aos 61 anos já tivesse perdido a maior parte do cabelo. A sua careca brilhava como o ovo de um pisco. Examinou-me

da cabeça aos pés com os seus olhos escuros e pequeninos, como se procurasse ferimentos visíveis.

— A Adriana contou-me tudo. Só de pensar no que podia ter acontecido... — Cerrou o punho. — Estou capaz de revirar esta cidade em busca dos culpados.

— Não foi nada. — Fiz um sorriso forçado. — O Juan teve sempre tudo sob controlo.

— Sim, também me disseram. — Carregou o semblante. — Terei de ajustar contas com a família daquele canalha, seja ela quem for. E também tenho de tranquilizar os cardeais dos tribunais da Cúria de que o meu filho não vai começar a empalar descontentes a torto e a direito. Um belo rebuliço que isto foi, e logo no dia da minha eleição. O Juan é demasiado nervoso e rápido com a sua espada. Não podia ter apenas enxotado aquele patife?

— O Juan agiu em nossa defesa — aleguei, não me escapando a ironia de estar a defender o irmão com o qual tinha menos afinidade. — Aquele patife caluniou-nos. E preparava-se para sacar de um punhal.

— Um punhal de nada serve contra uma espada, e as calúnias não passam de palavras. Não podemos começar a matar pessoas só porque nos difamam. — Deu uma risada sem graça. — Se assim fosse, não haveria um único nobre vivo à face desta terra. A maior parte, se não mesmo todos eles, já falou mal de nós numa ocasião ou noutra. — Suspirou. — Mas o importante é que não aconteceu nada de irremediável, ou que umas poucas centenas de ducados nas mãos certas não resolvam.

Lembrando-me de súbito, virei-me e empurrei o meu irmãozinho para a frente.

— Papá, o Gioffre está aqui. Esteve a noite toda à sua espera.

A expressão do meu pai mudou ao mesmo tempo que o meu irmão se inclinava numa vénia esmerada.

— Não te parece que é muito tarde para estares ainda a pé? — resmungou o meu pai, contemplando Gioffre com um olhar inexpressivo.

O sorriso do meu irmãozinho desvaneceu-se.

— Sim, *zio* Rodrigo. É que a Lucrecia... Disse-me que podíamos passear pelo jardim até o tio chegar e eu ... Eu queria...

— Sim? Querias o quê? Para de gaguejar e explica-te.

— Queria dar-lhe os parabéns — desembuchou Gioffre. — Queria também perguntar-lhe se a partir de agora posso viver com a Lucrecia. Tenho muitas saudades dela e ela diz que gostava muito de cuidar de mim.

O meu pai virou a cara na minha direção.

— Foste tu que lhe disseste isso?

Franzi a testa, interrogando-me por que razão o meu pai haveria de ficar descontente com a minha ideia.

— Sim, fui. Raramente nos vemos e achei que, uma vez que vou ter o meu próprio *palazzo*, haveria espaço de sobra...

— Achaste mal. — Virou-se para Gioffre. — Está fora de questão. És demasiado novo para abandonar a casa da tua mãe. A Vannozza jamais o permitiria. Para além disso, a Lucrecia em breve terá responsabilidades importantes. — Pontuou as suas palavras erguendo lentamente a mão direita, a luz do archote refletindo-se num pesado anel de ouro no dedo anelar, onde estavam gravadas as chaves cruzadas. Sabia que, quando um papa morria, o seu anel pessoal era destruído, sendo fundido um novo para o seu sucessor; o meu pai devia estar mesmo confiante na sua eleição, para ter mandado forjar um anel antes mesmo de ter ganhado a votação.

Estendeu a mão a Gioffre, compelindo o meu irmãozinho a beijar-lhe o anel.

— E agora — disse —, vai a correr ter com a tua mãe e diz-lhe que te leve para casa. As ruas não são seguras e eu não quero outro incidente.

Gioffre deitou-me um olhar infeliz antes de fazer mais uma vénia, dessa vez com menos esmero. Correu de volta ao *palazzo* com o passo cambaleante de um rapazinho que tentava desesperadamente conter as lágrimas.

O meu pai disse-me então:

— Peço-te que, de futuro, não enchas a cabeça do rapaz com ideias disparatadas. Sei que a tua intenção é boa, mas a Vannozza não apreciará que o seu último filho lhe seja retirado.

— Ele também é seu filho — respondi. Em toda a minha vida, nunca havia discordado abertamente do meu pai, à frente dele, mas a verdade era que não conseguia entender por que razão ele tratara Gioffre com tamanho desdém. — Não vejo qualquer motivo para que o Gioffre não possa viver comigo ou ficar a saber que é um de nós. De qualquer modo, a Vannozza não lhe liga nenhuma e...

— Lucrécia, *basta*. — Começou então a falar em espanhol, a nossa língua *privada*. Ao fazê-lo, espreitou por cima do ombro, vendo os cardeais da sua corte reunindo-se no terraço, ali muito perto. — Já chega — repetiu, em voz baixa. — Não gosto que me refutes. Agora sou papa e tenho de evidenciar cautela no meu comportamento, em especial no que diz respeito à minha família. Já tenho o suficiente com que lidar e não pretendo fazer vontades a um rapaz que nem sequer tenho a certeza que seja meu.

— Não é seu? — Fiquei atónita. — Como assim, não é seu? — Preparei-me para mais uma revelação desagradável. Aquela semana parecia reservada a notícias bombásticas.

O meu pai suspirou, um pouco contrariado.

— Suponho que tenhas direito a uma explicação. — Segurando-me pelo braço, conduziu-me pelo carreiro até a um banco de mármore. — Não estou convencido de que o Gioffre seja de facto um Bórgia — disse, depois de nos sentarmos. — É com pesar que o digo, mas a tua mãe era casada quando o deu à luz, e por essa altura... Bem, por essa altura eu já não estava tão enamorado dela como estivera em tempos. Quem me diz a mim que o rapaz não é filho do marido dela?

Seria esta a razão por que a nossa mãe não falara do meu pai a Gioffre? Duvidaria ela também da sua paternidade? Pensei no meu irmão mais novo, constantemente em busca da aprovação nos olhos do meu pai, do mesmo modo que César o fizera com a idade dele, e em como o meu pai apenas tinha olhos para Juan. No entanto, César nunca tinha duvidado de quem era o seu pai, ao passo que o pobre do Gioffre...

— Mas basta olhar para ele para ver que só pode ser um Bórgia — aleguei. — É tão parecido comigo.

— E tu és parecida com a tua mãe, lá está. Tenciono garantir o sustento do Gioffre como se ele fosse meu filho, claro que sim; não quero que ele seja humilhado. No entanto, não posso colocá-lo aos teus cuidados... — Ergueu um dedo para me silenciar. — O que me leva a um outro assunto.

A expressão do meu pai era sombria. Sentada na ponta do banco, vi-o beliscar o lábio inferior. Percebi que estava cansado. Tinha olheiras escuras e um aspeto macilento. Na sua túnica preta simples e colãs, com as botas coçadas cingindo-lhe as grossas barrigas das pernas, assemelhava-se, tal como sempre que não envergava os seus trajes e insígnias oficiais,

a um comerciante frugal. Nunca deixaria de admirar a maneira como ele renunciava pessoalmente à ostentação. No meio dos cardeais, nas suas garridas batinas encarnadas, e dos bispos, engalanados de violeta, o meu pai destacava-se pela sua simplicidade. Contudo, inexplicavelmente, essa simplicidade parecia-me, entretanto, inquietante; era como se tivesse esperado uma transformação miraculosa no seguimento da sua elevação à Santa Sé, uma espécie de mudança visível que o distinguisse dos demais, que realçasse de modo bem vincado a sua infalibilidade.

Veio-me então à memória o que Giulia me tinha dito acerca de um papa não deixar de ser um homem, e retesei-me ao ver o meu pai erguer o queixo e declarar:

— A Giulia falou-me da conversa que teve contigo esta tarde. Ela acha que tu desaprovas. Na verdade, ficou magoada com o teu tom.

Tive vontade de responder que ela dificilmente tinha motivos para se sentir magoada, tendo em conta o seu próprio comportamento, mas mordi a língua para me impedir de falar.

— Ela está enganada — argumentei. — Nunca o condenaria, pai.

— Não me refiro a mim. — Olhou-me nos olhos. — Ela acha que nos condenas a nós.

Fiquei calada.

— Eu compreendo. Deve ter sido difícil ficares a saber, no próprio dia em que o teu pai é escolhido para Sumo Pontífice, que a Giulia e eu, que nós... — Fez uma pausa, o silêncio entre nós tornando-se ainda mais tenso.

— É verdade? — perguntei, hesitante. — Ela está grávida de si?

O meu pai anuiu acenando com a cabeça. Uma súbita alegria iluminou-lhe as feições, de tal modo que os olhos lhe cintilaram como acontecia quando me contemplava. Senti um nó no estômago. Ele estava feliz com a gravidez. Queria aquela criança. Podia até vir a ser uma filha, uma menina, outra *farfallina*...

Esse pensamento esmagador tomou conta de mim, cegando-me a ponto de quase lhe ter feito notar que, se não tinha a certeza de que Gioffre era seu filho, como podia estar certo da paternidade do bebé de Giulia? Embora o marido dela vivesse longe, queria-me parecer que poderia ainda assim ser o pai da criança. Contive-me, porém, pois pressentia que, independentemente do que tentasse dizer, ele apenas iria achar que eu buscava mais discórdia.

— Pensava que tu e a Giulia eram amigas — comentou ele. — Ela diz-me que te vê como uma irmã. Seria um desgosto para mim que não sentisses o mesmo por ela.

— Mas sinto — respondi, com um certo desconforto, porque não gostava de lhe mentir. — É que... Quando ela me disse... — Engoli em seco. Era a conversa mais adulta que alguma vez tivera com o meu pai. Ainda poucos dias antes tinha estado a bordar uma fronha de almofada para ele; e, entretanto, encontrava-me ali a discutir os seus filhos e o amor que ele parecia sentir por uma mulher que, receava eu, poderia vir a suplantar-me na hierarquia dos seus afetos. Ansiava por parar tudo, por regressar ao dia anterior, ao momento em que, no patamar, tinha visto Giulia regressar da sua saída ilícita, e esquecer tudo aquilo que ficara a saber. Preferia continuar a ser uma criança, se aquilo era o que significava ser adulta.

— Lucrécia, tudo o que eu quero é proteger-te das dificuldades deste mundo, pelas quais nenhuma rapariga deve passar antes do tempo — afirmou o meu pai —, mas a Giulia diz-me que está na altura de assumires o teu lugar na vida.

— Pensei que isso era o que já acontecia. Não sou sua filha? — Não consegui evitar o tremor que a minha voz evidenciou. Queria desesperadamente ouvir que ele ainda me amava mais do que a qualquer outra pessoa, que eu era a sua filha mais querida e estimada. Pelo contrário, escutei a voz da minha mãe na minha cabeça: *Não penses que o que aqui se passar irá alterar o teu destino*. E isso fez despertar um medo terrível dentro de mim. E se ele já não pudesse amar-me como acontecera até então, porque agora era o papa, e tivesse de mandar-me para longe, para desposar um nobre espanhol?

— Oh, minha *farfallina*, achas que alguma vez deixaria de gostar de ti? — indagou ele, com um ar surpreendido.

Desviei o olhar.

— Não sei... O pai ama a Giulia e o bebé dela. Talvez eles agora sejam mais importantes para si.

Esticou os braços e envolveu-me o rosto com as suas mãos enormes.

— Se acreditas nisso, não és tão inteligente quanto as freiras de San Sisto e a Adriana afirmam que és. Nunca poderia amar ninguém da mesma forma que te amo a ti. — Sorriu. — Mas não sou apenas teu pai. Sou também um homem. E os homens precisam de tipos diferentes de amor.

Ouvi-lo fazer eco das palavras de Giulia foi como uma punhalada no coração.

— Eu não sou suficiente?

— Claro que és, minha querida. Nunca duvides disso. Mas o nosso amor é puro; não é como a paixão entre um homem e uma mulher. A Giulia dá-me essa paixão e pede muito pouco de volta, como acontecia com a tua mãe, antes dela. A Giulia apraz-me. Queres que eu seja feliz, não queres?

Não podia concordar. Se bem que não gostasse da minha mãe, a Giulia não se parecia nada como ela. Suspeitava que não se contentaria em viver como Vannoza, mantendo a distância em nome das aparências. Apesar disso, não dei voz aos meus pensamentos, porque nunca havia sentido a tal paixão que ele descrevia. Apenas sabia que ele me compelira a vê-lo sob uma outra luz, em resultado da qual já não era o imutável protetor, mas alguém com necessidades que eu não compreendia ou jamais poderia satisfazer.

— A Giulia disse-me que o pai vai refutar os meus esponsais — disse abruptamente. Ao vê-lo desviar o rosto, sustive a respiração, preparando-me para o pior: a notícia de que, afinal de contas, decidira enviar-me para Espanha. Então, ele virou-se de novo para mim.

— Acho que já tiveste surpresas suficientes para um dia — respondeu ele, num tom carinhoso. — Deixa-me ser eu a preocupar-me com o futuro. Para além disso, nos próximos dias irás andar muito ocupada, pois tu, a Giulia e a Adriana vão mudar-se para o *palazzo* do cardeal Zeto, de Santa Maria in Portico. — Esboçou um sorriso traquinas, como costumava fazer sempre que me dava um presente. — Mandei redecorar a mansão de cima a baixo; quero que a minha *farfallina* viva na residência mais esplêndida de Roma. Terás o teu próprio conjunto de aposentos e um séquito para cuidar de todas as tuas necessidades. — Piscou-me o olho, inclinando-se para mim. — Uma das vantagens de ser papa é poder fazer o que bem entender, dentro de limites razoáveis. Para além do novo *palazzo*, mandarei construir aposentos no Vaticano, para que haja espaço suficiente para todos os meus filhos.

Pelo modo como Giulia tinha falado, ficara com a ideia de que o novo *palazzo* era só para ela, no entanto, se iria ter o meu próprio conjunto de aposentos, então o meu pai tencionava honrar-me também com aquele gesto.

— Posso levar o *Arancino*, a pequena Murilla e Pantalisea comigo?
— inquiri.

— O teu gato, a tua criada e tudo o mais que desejares. Basta dizeres e será teu. Podes até levar todos aqueles livros que a Adriana me disse que escondes no quarto. Parece que a Vannoza a censurou por te permitir que os leias.

Ri-me, encantada, até que, de repente, me lembrei do meu outro irmão, longe de nós, em Pisa. Apercebendo-se da minha hesitação, o meu pai indagou:

— O que é te está a preocupar?

— Disse todos os seus filhos. Isso quer dizer que vai chamar o César de volta a casa?

O sorriso dele desfez-se.

— Mais cedo ou mais tarde, sim, mas por agora ele tem de completar os seus estudos para o sacerdócio. Encontrará a felicidade ao serviço da nossa Santa Igreja, como aconteceu comigo, mas primeiro tem de resignar-se aos sacrifícios que tal serviço implica. — Olhou-me com um ar de censura fingido. — Portanto, nada de cartas secretas relatando as novidades ou de mensagens enviadas por pombo-correio para o seminário onde ele está. Sei muito bem como vocês os dois são chegados; desde pequenos que são como almas gémeas. Mas o César tem de dedicar-se aos estudos de corpo e alma, sem distrações.

— Tenho muitas saudades dele. Há mais de dois anos que não o vejo.

— Eu sei, mas ele manda-te aqueles livros, não é? — Deu-me uma cotovelada, obrigando-me a dar uma risadinha. — Livros de poesia proibidos que escandalizam Vannoza. — Fitou-me. — Livros e amor fraternal são coisas muito bonitas, mas tens de confiar que eu faço o que é melhor, para ele e para ti. — Acariciou-me a face. — Prometes, *farfallina*? — Consenti, acenando com a cabeça. Ele beijou-me a testa. — Ótimo. E prometes ser amiga da Giulia?

— Sim, papá — sussurrei, e ele apertou-me a ponta do nariz entre o indicador e o dedo do meio.

— E nada de discussões com a Vannoza. Ninguém sabe melhor do que eu o quanto ela consegue ser uma verdadeira capataz; não foi por acaso que ela transformou as suas hospedarias em minas de ouro. Mas a tua mãe só quer o melhor para ti. Não quero voltar a ouvir dizer que lhe faltaste ao respeito.

Dio mio, teria o meu pai olhos e ouvidos em todo o lado?

— Sim, pai.

— *Bien...* — Deu-me a mão e pusemo-nos de pé, olhando para o *palazzo* iluminado por archotes, onde a festa continuava em força, a julgar pela música e risadas que chegavam até nós. — Fico surpreendido que me tenham deixado em paz todo este tempo. Não tenho tido um momento só para mim, nem sequer para esvaziar a bexiga. — Estendeu-me os braços. — E agora, dá um beijo ao teu velho pai. É tarde e tu tens de ir descansar. Voltaremos a ver-nos em breve.

Abracei-o com força, inspirando o seu cheiro peculiar. Com as últimas palavras sussurradas que me disse, «Amo-te, minha Lucrecia», soando como um bálsamo nos meus ouvidos, subi ao meu quarto.

Ser a filha do papa talvez não fosse assim tão mau, afinal de contas.

CAPÍTULO CINCO



As semanas passaram-se num rodopio ao mesmo tempo que desmanchávamos a nossa casa, enchendo baús e caixas para a mudança. Adriana supervisionou tudo, instruindo os criados acerca da maneira adequada de enrolar as tapeçarias e de usar feno para acondicionar as frágeis estátuas e toda a cerâmica.

Giulia e eu não pudemos evitar-nos; partilhávamos haveres espalhados pelos nossos aposentos. Atarefadas a escolher o que havíamos de levar, decidindo se valia a pena guardar aquela manga desbotada ou aqueles chinelos puídos, mal tínhamos tempo para trocar mais do que algumas palavras, o estritamente necessário, até que Adriana entrou de rompante e lançou um olhar crítico ao amontoado de caixas.

— Lembraram-se de juntar lavanda aos baús da roupa? Se não o fizeram, vai lá chegar tudo a cheirar a mofo e... — Abriu a tampa da arca que estava mais perto dela. Um monte de pelo saltou lá de dentro, pregando-lhe um susto e obrigando-a a gritar.

— *Arancino*, seu maroto! — ralhei, vendo o meu gato precipitar-se para debaixo da minha cama, bufando de raiva. Virei-me apologeticamente para Adriana. — Deve ter ficado preso lá dentro. Não fazia ideia.

Atrás de mim, Giulia reprimiu uma risadinha. De súbito, tive de morder o lábio.

— Não fazias ideia? — Adriana pressionou a palma da mão contra o peito. — *Dio mio*, imagina que, ao chegarmos a Santa Maria, encontrávamos a pobre criatura sufocada no meio da tua roupa!

— É já do outro lado do rio — fez notar Giulia. — Dificilmente morreria sufocado, se bem que talvez urinasse em cima da roupa, com lavanda

ou sem lavanda. — Olhou para mim com uma careta e, sem aviso, desatámos a rir. Adriana olhou para uma e para outra, espantada, e eu lembrei-me de que o meu pai me pedira que fosse amiga de Giulia.

— Perdoa-me — murmurei.

— Ora essa. Eu é que tenho de te pedir desculpa — respondeu ela. — Depois daquele incidente terrível com o Juan, foi muito insensível da minha parte.

Adriana clareou a voz.

— Amigas de novo?

— Sim — declarou Giulia, dando-me a mão.

Concordei com um aceno de cabeça, embora ainda não tivesse a certeza de que podia confiar nela.

Adriana mandou-nos arejar o baú de imediato e «reacondicionar a roupa com lavanda, e sem gato!» E foi tratar da sua vida, deixando-nos entregues às nossas risadinhas.

A vinte e seis de agosto, dia de São Alexandre, os criados carregaram o resto do nosso mobiliário em carroças para ser transportado para Santa Maria, e nós adornámo-nos de brocado e véus para ir à cidade assistir à coroação do meu pai como papa Alexandre VI.

Não nos era permitido testemunhar a cerimónia propriamente dita, já que as mulheres estavam proibidas de ver a consagração sagrada que ocorria na basílica, durante a qual o papa tinha de sentar-se, de camisa apenas, num banco especial com «um buraco no assento», disse-me Giulia, «para que a sua masculinidade possa ser comprovada.»

— Comprovada? — estranhei. — Para quê? Sem dúvida que toda a gente verá que ele é um homem.

— Seria de esperar que sim, mas não te esqueças de *la papisa*: toda a gente achava que a papisa Joana era um homem, e afinal... Desde então, todos os papas têm de provar que são... Bem, tu sabes — acrescentou às pressas, ao ver Adriana deitar-nos um olhar censorador.

— Vão cavaquear como duas peixeiras o dia todo? — perguntou Adriana. — Ou preferem dignar-se a prestar atenção ao acontecimento mais importante da história da nossa família?

Desviei o olhar para a rua, mais abaixo. Encontrávamo-nos sentadas na varanda de um *palazzo* com vista para o caminho processional que o meu pai percorreria pela Via Papal até ao Palácio de Latrão, onde

seria entronado como bispo de Roma e líder supremo dos estados papais.

A vista era de cortar a respiração, assim como os cheiros. O excremento de animais e o vinho entornado pelas pessoas que se acotovelavam nas ruas para ver passar os dignitários da Igreja ganhava um odor fétido sob o calor intenso. A procissão avançou para o Coliseu, com os caçadores de ratos à frente, segurando pela trela cães que corriam à frente para desimpedir as gramíneas pantanosas da bicharada. Os lojistas com bancas nos níveis inferiores da ruína engalanavam o local com bandeirolas e, de repente, a arena devoluta, há muito despida dos seus mármore e travertinos (levados para decorar palácios e mansões nobres), era como que ressuscitada efemeramente, as suas arcadas cavernosas recuperando uma glória fugaz que não se via desde a antiguidade. Anjos de gesso dourado emergiam de gigantescas arcadas de argamassa que se estendiam de um lado ao outro da estrada. O céu mal se via por entre as flâmulas e bandeiras exibindo as nossas cores: um imenso mar de cor de amora e amarelo.

Para onde quer que olhasse, via o nome da minha família ser exaltado.

Giulia apontou-me as personagens mais importantes da procissão.

— Ali vem o cardeal Ascânio Sforza — disse ela, indicando um homem baixo e garboso, de olhos protuberantes, num traje debruado a arminho e montado numa mula rodeada por duas dezenas de escudeiros vestidos de carmesim e púrpura. — Diz-se que o teu pai lhe deu seis baús cheios de prata depois do conclave, mas é mentira. O *palazzo* do teu pai em Corso e a vice-chancelaria são recompensas suficientes para qualquer pessoa, mesmo para um homem tão ganancioso quanto ele.

Quando o cardeal Sforza passou à nossa frente, em conjunto com os restantes cardeais, vestidos de escarlata, e respetivos séquitos e familiares, recordei o que Giulia me tinha dito acerca de ter sido ele a decidir a votação para o lado do meu pai.

— Pensei que a multidão tinha saqueado o *palazzo* do meu pai — referi, crente de que Sforza herdara uma grande barafunda.

Giulia deu uma risada.

— A população nunca chegou a deitar-lhe a mão. Assim que lhe souu que o *palazzo* seria seu, Sforza mandou os seus homens protegê-lo. Não iria deixar que lhe roubassem nem um prato. Tornou-se o homem

mais poderoso da Cúria, já para não dizer o mais rico. E, por intermédio dele, o teu pai aliou-se aos Sforzas de Milão, o que quer dizer que...

— Vê se te calas! — ordenou Adriana, irritada. — Não paras de encher-lhe a cabeça com disparates.

Giulia franziu o sobrolho. Preparava-me para lhe fazer mais perguntas quando os gritos da multidão anunciaram a chegada das famílias mais distintas de Roma, que haviam colocado de lado, por um dia, as suas hostilidades ancestrais para proclamar e propagar o seu esplendor comum.

Os orgulhosos Orsini exibiam capas de veludo castanho-avermelhado debruadas a ouro, sendo liderados pelo patriarca, Virgínio Orsini, que supervisionava a guarda papal. A uma distância prudente, mas rodeados por uma pompa e circunstância equivalentes, vinham os Colonna, os mais aguerridos inimigos dos Orsini. À medida que os seus criados avançavam pela nuvem de pó levantada por quem seguia a cavalo, vi Giulia levantar-se de repente e debruçar-se precariamente na balaustrada, aos gritos:

— Alessandro, aqui! Estamos aqui em cima!

Adriana ficou mortificada.

— Por tudo o que é sagrado, para com essa gritaria. Dir-se-ia que não te ensinaram maneiras! Pareces uma taberneira!

Desatei-me a rir ao ver Alessandro Farnese olhar em redor, confuso, ouvindo o seu nome, mas sem perceber de onde o chamavam. Avistou, por fim, a sua irmã, na varanda, acenando-lhe; apenas vira o irmão mais velho de Giulia uma vez, quando ele nos visitara antes de ir estudar para Pisa. Achara-o bastante mediano, quando comparado com Giulia, embora, tal como ela, tivesse pestanas compridas e o nariz arrebicado, e...

— Quando é que o Alessandro chegou?

— Há três dias. — Giulia virou a cabeça para mim. — Eu não te disse? Achei que sim. O Rodrigo... Quer dizer, Sua Santidade prometeu... — Calou-se, interpretando a minha expressão. — Nem penses nisso. Ele não veio. Sabes muito bem que o César não teve autorização para vir a Roma.

Já não a escutava, afadigada a examinar a multidão em busca do meu irmão. Tinha de estar ali. Como pudera eu pensar que ele iria perder aquele dia, independentemente do que o meu pai ordenara? Era o auge do percurso familiar, o culminar de anos de esforço, e César e Alessandro eram colegas no mesmo seminário de Pisa. Se o nosso pai concedera

permissão ao irmão de Giulia para vir a Roma, César com certeza que tomara conhecimento disso. E por certo que buscara o mesmo privilégio.

— Lucrécia! — Giulia cravou os dedos no meu ombro. — Olha ali o Juan. Oh, é um brutamontes, mas, o Senhor seja louvado, não há aqui hoje um único homem que lhe faça sombra!

Desviei o olhar do mar de mãos que acenavam e rostos sorridentes e exultantes para espreitar por entre uma súbita cortina de pétalas de rosa que parecia ter aparecido do nada. Sob aquela cascata branca e cor de rosa, Juan passou à nossa frente num gibão cor de amora, as suas mangas largas, amarelas e rasgadas exibindo os touros bordados a preto do nosso escudo e a luz do sol fazendo reluzir as pedras preciosas embutidas na sua gola. Segurando um chapéu emplumado na mão, acenou-o no ar, arrancando gritos de «Bórgia! Bórgia!» à multidão. Ao inclinar a cabeça, o cabelo comprido e sedoso roçou-lhe os ombros, e as mulheres junto às barreiras soltaram gritinhos excitados. Fez o cavalo curvetear à frente delas, tão preciso no seu controlo das rédeas que o animal mal levantou o pó da estrada.

Não pude deixar de sorrir. A população estava descontrolada, empurrando as barricadas. Com um sorriso encantador, Juan levou a mão a uma bolsa e seda e lançou punhados de moedas, para um lado e para o outro. Ao mesmo tempo que as pessoas quase se atropelaram para partilhar da sua generosidade, ele seguiu em frente, seguido pelos seus homens, a pé.

Adriana comentou:

— Pode ser um rapaz garboso, mas nunca consegui aprender uma lição. Há duas semanas quase morreu à frente dos meus portões, e mesmo assim instiga a multidão com o seu histrionismo.

Achava o meu irmão magnífico, independentemente do seu histrionismo. Juan possuía um talento inato, razão pela qual o meu pai o beneficiava. Ninguém sabia melhor que ele como agradecer à volúvel ralé, quando tal lhe convinha. Possuía um charme e uma liberalidade perfeitamente harmonizados para esmaecer a mácula de selvajaria que o sucedido à porta do *palazzo* naquela manhã deixara na sua reputação.

Contudo, o que me fez ficar verdadeiramente sem fôlego foi o aparecimento do meu pai, logo atrás de Juan, montado num corcel branco ajaezado igualmente de branco. Escoltado pela sua comitiva de guardas pontifícios, o meu pai envergava a sagrada Tríplice Tiara, esmaltada em azul-celeste com as suas pérolas de lágrima, e uma casula cor de marfim que flutuava à sua volta, como uma nuvem.

O povo ajoelhou-se. O meu pai ergueu a mão enluvada e os pajens que o ladeavam soltaram um mar de pombas brancas que tingiu o céu azul. Algumas mulheres começaram a rezar e era notória a forma como a exultação ia desanuviando os seus rostos cansados e ralados; os homens descobriram as cabeças em sinal de reverência; e as crianças inclinaram as faces expetantes na direção do céu, observando o dispersar das pombas. Os sinos repicavam, todos ao mesmo tempo, dir-se-ia que em todas as igrejas da cidade. Não precisei que Giulia murmurasse: «O Rodrigo prenuncia uma nova era» para entender a mensagem do meu pai.

Rodrigo Bórgia era o nosso novo papa. Tudo iria mudar.

O cortejo prosseguiu com mais nobres, cortesãos papais e respetivo séquito, até desaparecer no meio da nuvem de pó que assentava. Adriana levantou-se do seu banco.

— Vamos, não há tempo a perder. Hoje à noite é o banquete no Vaticano e temos poucas horas para nos prepararmos.

Pus-me de pé com relutância, largando o corrimão da balaustrada; nem me tinha dado conta de que o agarrara com tanta força; tomando consciência do formigueiro nas palmas das mãos, deitei mais um olhar demorado às pessoas que tentavam esgueirar-se por entre os guardas, impacientes por invadir a rua e procurar botões caídos, luvas perdidas, pedaços de fitas — qualquer coisa que pudessem levar para casa como recordação daquele dia.

Percebendo o que eu estava a fazer, Giulia suspirou.

— Lucrécia, eu bem te disse. Ele não veio.

— Mas devia — aleguei, sem desviar o olhar. — Não entendo por que motivo o meu pai insistiu para que ele ficasse em Pisa quando o mundo inteiro está aqui.

— Porque se o tivesse convidado, o César recusar-se-ia a regressar a Pisa. Sabes melhor do que eu o quanto ele detestou ir para lá. — Giulia acariciou o pingente do seu colar. — Para além do mais, a Vannozza também não foi convidada, e nem por isso armou um pé de vento. Tem as suas hospedarias para gerir e, com tantos visitantes na cidade, a ocasião é uma mina de ouro.

— Também não é que ela sirva às mesas — respondi, embora me alegrasse que a minha mãe tivesse sido excluída.

— É verdade, mas pelo menos não está aqui a inventar maneiras de nos arreliar. Ficou bastante contrariada quando se deu conta de que não

fora capaz de predizer a eleição do teu pai — comentou Giulia, presumidamente, e ainda satisfeita por ter sido a primeira a deduzir o importante acontecimento.

— Achas que é verdade? — indaguei, um pouco hesitante, recordando, com um estremecimento, que a minha mãe previra a minha própria morte. — Achas que ela consegue ver o futuro?

Giulia encolheu os ombros.

— No que ao teu pai diz respeito, é óbvio que não. A Vannozza pode parecer uma *strega*, uma feiticeira, mas a única coisa que neste momento consegue ver é a sua própria fúria, porque o nosso momento chegou, ao passo que dela já ninguém quer saber.

Fiz um sorriso forçado, mas não tinha assim tanta certeza. Afinal de contas, vivera com a minha mãe; ainda me recordava das noites de inverno com ela sentada à mesa, deitando as suas cartas. Podia não conseguir ver o futuro, mas acreditava, sem dúvida, que possuía essa capacidade.

— Pronto, logo vi. — Giulia fez beicinho. — Estás aborrecida. Esquece o César e a tua mãe. Vamos antes ver o nosso novo *palazzo*. Ouvei dizer que é lindíssimo. Toda a gente em Roma nos inveja.

Quando, por fim, chegámos na nossa carruagem, estávamos encharcadas em suor. Demorámos uma eternidade a avançar por entre as hordas de gente a festejar a eleição do novo papa. No entanto, assim que atravessámos os portões de Santa Maria in Portico, o clamor nas ruas cessou. Ali, por trás de paredes grossas de tijolo e argamassa e das janelas gradeadas, tudo era sereno, e as celebrações soavam distantes.

O palácio era enorme, tinha o dobro do tamanho do de Adriana, um panteão de madeira encerada e mármore rosado. Do espaçoso *cortile*, com a sua fonte decorativa e arcada que dava para um jardim interior, passámos para uma impressionante *sala*, a partir da qual se bifurcava um labirinto de *cameras* privadas. Os nossos pertences encontravam-se espalhados por toda a parte, e os criados afadigavam-se para colocar tudo nos devidos lugares. O cheiro a tinta fresca dos frescos recentemente aplicados chegou-nos ao nariz. Não conseguia parar de olhar à minha volta, boquiaberta, até que Giulia me agarrou pelo braço e me levou para o piso de cima, o *piano nobile*, onde ficavam as salas de visitas e de receções, guinchando de alegria a cada nova descoberta.

— Oh, olha aqui, Lucrecia: uma casa de banho com sanitas almo-fadadas e drenagem! — Espreitou para o interior da cadeira estofada. — Acabou-se o fedor e o esvaziar de penicos. Que luxo.

— Para nós, talvez — comentei, olhando para ela. — Tu estás grávida. As mulheres no teu estado não andam sempre aflitas para fazer chichi? Poderá ser uma caminhada longa desde os teus aposentos.

Beliscou-me o braço, chamando-me «Insolente!» e subimos a grandiosa escadaria até ao terceiro piso. Aí encontrámos os nossos *appartamenti* privados, cada divisão desembocando na seguinte, separadas por portas de cedro entalhadas, com tetos e paredes decoradas e já mobiladas com as nossas camas, mesas de cabeceira, toucadores e outras comodidades.

Encontrei *Arancino* no meu quarto, pintado nas minhas cores preferidas, dourado e azul, miando dentro de um cesto de vime. Corri a libertá-lo, agachando-me junto ao cesto. Giulia gritou, alertando-me, «Lucrecia, não. Olha que ele foge!», no preciso momento em que abri a tampa. *Arancino* pulou imediatamente de dentro do cesto, escorregando e patinando no chão de madeira encerada, no seu intento de esconder-se debaixo da minha cama.

— Estás a ver? Ele sabe onde é o seu lugar — respondi, olhando para Giulia.

— Oxalá o mesmo se pudesse dizer do teu novo noivo — replicou ela. Levantei-me lentamente.

— O que é que disseste?

Adriana entrou nesse instante.

— É um desastre. Vai demorar semanas até termos tudo no lugar, e as salas comuns ainda nem sequer estão terminadas. Há andaimes nas antecâmaras e trabalhadores de um lado para o outro, espezinhando e sujando tudo. Onde é que Sua Santidade tinha a cabeça ao mudar-nos para aqui tão precipitadamente? Por certo que podíamos ter esperado até que tudo estivesse pronto.

Olhei de relance para Giulia. A sua expressão era glacial. Adriana continuou:

— A escadaria é um tormento e este cheiro a tinta e poeira pelo ar não fará com certeza bem a uma mulher no teu delicado estado.

— Eu saberei avaliar melhor a delicadeza do meu estado — ripostou Giulia. — E, na minha opinião, este *palazzo* é perfeito. Contudo, se acha

que o inconveniente é demasiado grande, posso pedir a Sua Santidade que lhe conceda autorização para regressar a casa, em Monte Giordano.

Percebi, então, com um súbito nó no estômago. Adriana não quisera aquela mudança. Aquela mansão sumptuosa pertencia a Giulia: era um presente do meu pai. Era ela a senhora da casa, não eu.

— E deixava-te a criança entregue a ti? — argumentou Adriana.
— Deus nos livre.

Giulia fulminou-a com um olhar irado. Antes que pudesse retrucar, apressei-me a dizer:

— Ora, não vamos discutir! Tenho a certeza de que em breve nos sentiremos aqui em casa. É o que o meu pai deseja, não é?

Adriana baixou os olhos.

— Tens razão.

Giulia ergueu as sobrancelhas, numa expressão de triunfo. Virando-se, Adriana disse:

— Pelo menos os vossos quartos parecem estar em ordem. Mas onde é que está a tua criada? Dei-lhe instruções específicas para...

Como que seguindo a sua deixa, Pantalisea entrou em passo apertado, afogueada e ofegante, com os braços carregados de pequenas arcas esmaltadas contendo joias e produtos de higiene.

— Peço desculpa, *donna*. — Fez uma vénia trapalhona. — Perdi-me. Este *palazzo* é tão grande e ... — Os seus olhos fixaram-se na cesta aberta.
— Oh, não. Deixei-o ali por um momento, enquanto fui buscar os seus baús... Donna Lucrecia, perdoe-me. O gato deve ter-se escapado.

— Não. Está debaixo da cama — tranquilizei-a, aliviando-a também do carregamento. Pantalisea suspirou.

— Devia tê-lo vigiado melhor, mas não queria que estes baús se perdessem.

— Não te preocupes — assegurei. — É um gato. Fará o que bem lhe apetecer.

Giulia bocejou.

— Por mais fascinante que tudo isto seja, estou exausta. Vou fazer uma sesta. — Deu-me um beijo na face. — Estou tão contente que gostes do nosso *palazzo*. Não te esqueças de dizer isso ao Rodrigo quando o vires esta noite — pediu-me, abandonando o meu quarto.

Mais uma vez, tive dificuldade em digerir o facto de ela ter usado o nome do meu pai. Adriana ficou a vê-la sair.

— Deus nos acuda — murmurou. — O *nosso palazzo*. E toda a gente em Roma dá à língua. — Abanou a cabeça. — Já chega. Também tu tens de descansar para o banquete de logo. Pede à Pantalisea que te prepare o vestido. E tu... — Apontou um dedo acusador à minha criada pessoal. — É bom que não te percas outra vez! Não penses que não és insubstituível! Há centenas de raparigas nobres na cidade desesperadas por servir a filha de Sua Santidade.

Adriana partiu também, no seu passo apressado. Assim que ela fechou a porta, Pantalisea perguntou-me, com um ar muito ansioso:

— Não vai substituir-me, pois não, minha senhora?

— É claro que não. Não ligués ao que a Adriana diz. Está contrariada porque detesta ver a casa em desordem. — Sorri. Gostava muito de Pantalisea. Servia-me com grande empenho e a lealdade era uma qualidade que eu devia valorizar, mais ainda tendo em conta que, ao que parecia, nos preparávamos para viver sob o teto de Giulia Farnese.

— Oh, muito obrigada, minha senhora. Devo arejar o seu vestido?

— Se conseguires encontrá-lo — disse, virando-me para contemplar as arcas empilhadas nos cantos dos meus aposentos.

Começámos a desencaixotar tudo, dispondo a minha roupa nas arcas de cedro e carvalho que protegiam as peças mais delicadas da humidade e das traças. A pequena Murilla chegou quando nos debatíamos com o dossel da cama. Juntas, conseguimos erguer o tecido adamascado por cima do baldaquino. Equilibrando-se a custo num escabelo, Murilla acabou por dar um valente tombo quando este se virou. Rindo, saltámos para cima da cama e atirámos almofadas umas às outras.

— Tenho fome — comentei, contemplando o dossel cambado. Murilla foi a correr à cozinha procurar qualquer coisa para comermos e Pantalisea e eu ficámos a arrumar o resto dos meus pertences, procurando também as mangas mais adequadas para o vestido que iria usar naquela noite.

Apesar de ocupada e encantada com os meus novos e magníficos aposentos, não consegui esquecer o comentário repentino de Giulia acerca do meu noivado nem, mais uma vez, a inquietante sensação de que ela sabia mais acerca do meu futuro do que eu.

Durante quanto mais tempo iria eu ter de viver na sombra dela?

CAPÍTULO SEIS



A Sala Reale, o grandioso salão de recepções do Vaticano, encontrava-se apinhada de convidados para o festim papal. Ouvia-se música de alaúde em segundo plano e centenas de candelabros dourados faziam tudo cintilar. Este sonho áureo era presidido pelo meu pai nas suas vestes brancas, sentado num torno e aceitando cumprimentos e felicitações de embaixadores enviados de Veneza, Florença, Nápoles e Milão, bem como de vários reinos da Europa. Nas extremidades do salão, a guarda papal mantinha-se vigilante, de olhar impassível e fixo, fingindo não reparar na intriguista nobreza. As mesas, cobertas com os melhores linhos e brocados, ofereciam javali assado com molho de maçã e alecrim, ovos de faisão escalfados em natas, veado em salmoura com dentes de alho e pavão cozinhado com trufas. Pajens carregados de jarros de prata deitavam vinhos da Lombardia e da Toscana para copos de pé alto em majólica pintada. Vi vários nobres esconder estes copos nas saias como recordação, tudo com uma cupidez descarada.

O meu pai irradiava benevolência. Passada a entronização — um ritual tão maçador e que se tornara tão demorado, que ele desmaiara, infundindo pânico na assistência — estava agora rodeado pelo que mais adorava na vida: bom vinho e comida, música, riso e boa companhia.

Giulia, por sua vez, dir-se-ia que nunca mais tornaria a sorrir. Tinha passado horas à frente do espelho, escolhendo o que vestir, até que se decidira por uma seda em tom de malva e rubis. Contudo, apesar de estar esplendorosa, fora relegada para segundo plano, encarregada de fazer de meu pau de cabeloira enquanto Adriana entretinha as matronas nobres. Giulia não me prestava atenção nenhuma, concentrada que estava em

observar cada movimento do meu pai. Quando ele abandonou o salão, pôs-se a andar de um lado para o outro até ele regressar com um gibão preto castelhano e uma espécie de saia ensanchada que lhe realçava a estatura e minimizavam a barriga; os olhos dela seguiam-no ao mesmo tempo que, deambulando pelo salão na companhia de Juan, dava palmas nas costas dos cardeais e cumprimentava convidados pelo nome, exibindo a sua prodigiosa memória para detalhes pessoais.

— Olha para ele — sibilou Giulia, fervendo de cólera. — Pavoneando-se no seu veludo espanhol enquanto aquelas porcas romanas lhe esfregam as filhas na cara como se ele precisasse de um harém.

— Ele tem de se mostrar atencioso — defendi-o, observando o meu pai acenar indulgentemente com a cabeça ao mesmo tempo que cada donzela lhe era apresentada, desfazendo-se numa poça de seda aos seus pés.

Resplandecente no seu traje de damasco azul-cerúleo, ao lado do pai, Juan avaliava também as raparigas com um olhar experiente. Atrás do meu irmão, o príncipe Djem deslizava a ponta da língua pelos lábios, como se considerasse devorar as raparigas ao jantar.

— Atencioso? — A risada de Giulia foi amarga. — Francamente, Lucrecia, nem mesmo tu podes ser assim tão ingénua.

Franzi a testa, sem perceber bem ao que ela se referia. Não era a primeira nem a segunda vez que via o meu pai e o meu irmão encantarem um salão apinhado de pessoas. Era inevitável que as mulheres reagissem a eles; Giulia, porém, interpretava a cena de maneira diferente, pois, inusitadamente, soltou uma gargalhada estridente e gritou:

— Oh, Lucrecia, dizes coisas tão *divertidas*!

Caiu-me o queixo. Não tinha dito nada e a exclamação dela foi tão sonora e esganiçada que toda a gente à nossa volta se virou para olhar para nós. Um murmúrio espalhou-se pela multidão, avançando como a crista invisível de uma onda, passando pelos bispos, nobres e líderes militares, até chegar ao meu pai.

Olhou na nossa direção. Juan franziu o sobrolho e Giulia fingiu-se surpreendida quando o meu pai lhe fez sinal com o dedo para que se aproximasse. Sussurrei:

— Acho que te ouviu. — E com um gesto falso de alegria surpreendida, agarrou-me o braço e arrastou-me para junto do meu pai. Tive de morder a língua para não me rir de tamanha ridicularia. O meu pai sorriu

de orelha a orelha e beijou-me a face. Tresandava a vinho. Giulia pousou a mão, carregada de anéis, no braço dele, murmurando-lhe ao ouvido ao mesmo tempo que ele a passeava pelo salão. Juan e eu seguimo-los a pouca distância.

— O nosso pai devia ter ordenado àquela cadela que ficasse no seu canil! — rosnou Juan. — Temos mesmo de aturá-la até no serão do maior triunfo da nossa família?

Olhei de soslaio para Djem, que me devolveu o olhar, com uma expressão sombria.

— O mesmo se podia dizer do teu turco — respondi, sem me preocupar que o seu cão de fila me ouvisse.

— O Djem é meu companheiro — replicou ele. — Vai onde quer que eu vá.

Preparava-me para alegar que, sem dúvida, o nosso pai achava o mesmo em relação a Giulia, quando, pelo canto do olho, avistei uma silhueta inesperada encostada a uma parede, tão imóvel que parecia pertencer ao fresco nela pintado.

O meu coração acelerou.

Ao meu redor, um ataque de gargalhadas abafou os menestréis que atuavam na galeria. O salão estava apinhado de gente que se espalhava até ao pátio. Perscrutei o mar de sedas, veludos e gibões, achando que tinha sido imaginação minha. Então, localizei a figura de novo, ainda encostada à parede, com um chapéu largo toldando-lhe as feições. Mesmo antes de ele ter levado a mão ao chapéu para o inclinar, o seu nome aflorou aos meus lábios:

— César.

Deu meia volta, afastando-se habilidosamente.

Juan desacelerou o passo.

— Disseste alguma coisa?

— Não. Pareceu-me... Nada. — Passei as costas da mão pela testa. — Está tanto calor aqui dentro. Acho que vou um bocadinho até aos jardins. Acompanhas-me?

— Agora? Não vou deixar o nosso pai sozinho com aquela mulher!

— Nesse caso, já volto, está bem? — Antes que ele pudesse deter-me, imiscui-me na multidão.

Mal conseguia ver o caminho ao mesmo tempo que abria passagem por entre os grupos de funcionários da Cúria e nobres embriagados,

emergindo pelas portas duplas do salão para o corredor, iluminado por archotes. Estuguei o passo, vislumbrando a esguia figura de negro à minha frente; deslocava-se como era seu costume, com um propósito firme e decidido, de tal maneira que quase me vi forçada a correr para não o perder de vista.

Ele atravessou os jardins, contornando as estátuas espalhadas pelos carreiros como ossos e carregadas de líquenes, de imperadores há muito falecidos. Os meus passos apressados reverberavam cada vez mais alto, à medida que o clamor vindo do salão se ia desvanecendo.

Deteve-se perto dos muros exteriores, sob um aglomerado de ciprestes entortados pelo vento. Arrancando o chapéu da cabeça, virou-se para mim. Não falou; limitou-se a olhar-me fixamente como se fosse uma estranha. Parecia demasiado magro nas suas roupas simples, mas, apesar disso, não havia como negar que era ele: os mesmos olhos verdes e felinos sob as espessas sobrancelhas ruivas, os mesmos lábios finos e nariz comprido, a pele pálida retesada sobre as maçãs do rosto. No entanto, a sua bonita cabeleira de caracóis acobreados dera lugar a um crânio rapado e despido.

— Oh, cortaste o cabelo todo! — exclamei.

— Temos piolhos em Pisa. — A sua voz era suave, o olhar perscrutante.

Escolhera um vestido de cetim azul com um peitilho dourado. Por insistência de Giulia, renunciara até ao discreto camiseiro que as adolescentes usavam, adornando o pescoço desnudo com um colar de pérolas. Achara-me sofisticada quando me admirara ao espelho, tirando prazer do ligeiro vislumbre do colo que o corpete acentuava; ali, porém, perante o escrutínio do meu irmão, tive de conter o impulso de subir as mangas para cobrir os ombros.

— Mal te reconheci. Para onde foi a *meva petita* Lucia? — Usou o nome catalão que me dera quando éramos crianças, fazendo-me suspirar de alívio. Tinha um ar tão zangado que pensei que planeava ralhar-me.

— Não sejas palerma. Reconheceste-me de imediato, tal como eu te reconheci a ti. Não passou assim tanto tempo, César.

Ele deu um passo na minha direção.

— Passou tempo suficiente. Esperei por uma carta tua. Ao ver que não chegava nada, receei o pior. Vejo agora que os meus receios eram justificados.

Ri-me.

— E que receavas tu?

— Que o pai te tivesse casado e enviado para Espanha.

— E achas que partiria sem te dizer nada? — Estava incrédula.

— Porque não? No que diz respeito à nossa família, parece que eu sou o último a ser convidado... Isto quando sou *sequer* convidado.

Olhei-o nos olhos. Esperava ver neles dor, pesar genuíno por ter sido ignorado e abandonado em Pisa, sem notícias. Em vez disso, vi neles o mesmo brilho travesso do costume.

— Estás a meter-te comigo!

César não conseguiu conter o sorriso especial que reservava só para mim. Raramente sorria, mesmo em criança; o meu pai costumava até dizer que não sabia a quem ele saía, por ser, nesse aspeto, tão diferente dos seus outros filhos. Comigo, porém, César sorria com frequência; era um sorriso caloroso, convidativo, que lhe transformava o rosto, tornando-o menos austero, mais arrapazado e mais novo. Quando sorria, ninguém dizia que era um homem de 17 anos. César havia sido o meu refúgio e esteio em criança, a pessoa a quem eu recorria sempre que a minha mãe me censurava por qualquer coisa ou quando Juan me puxava pelas tranças até ficar com o couro cabeludo a arder.

— Achas mesmo que eu deixaria que eles te casassem sem que *eu* soubesse? — disse-me ele. — Posso ser ignorado, mas tenho os meus expedientes.

— Claro, e aposto que a nossa mãe é um deles — comentei, mas sorria também, feliz por estarmos juntos de novo. — Desculpa não te ter escrito, mas o pai proibiu-me de o fazer. Disse que devia deixar-te estudar em paz até que ele achasse por bem chamar-te de volta.

— Eu perdoo-te — respondeu ele, levando a mão ao gibão e extraíndo um pacote. — Mas se és incapaz de fazer o que é proibido, talvez seja melhor não te dar isto...

— O que é isso? — inquiriu de imediato. — Deixa-me ver! São mais poemas de Petrarca?

— Melhor do que isso — afirmou ele, e quanto tentei tirar-lhe o pacote da mão, ele deu um pulo para trás, abanando o livro fora do meu alcance. — Primeiro tens de o ganhar. Ainda te lembras de como costumávamos negociar, quando éramos miúdos? Eu dou-te um livro e tu dás-me...?

Desatei a rir.

— Uma dança!

— Boa ideia. Em Pisa, a única coisa que temos, para além de piolhos, é pão duro e orações... Muitas e muitas horas de oração. Já raramente desfruto da vida, e menos ainda com a minha bonita irmã. — Entrelaçou os dedos e colou as mãos ao peito, adotando uma postura enlevada. — Danças comigo, minha Lucia?

— Aqui? — estranhei, mas estava já a olhar por cima do ombro para determinar se estávamos longe o suficiente do salão de receções para não sermos vistos. — Se aceitar, dá-me esse livro?

— Sim! — Agarrou-me pela mão. — Dou, embora tu e todos os restantes tenham achado por bem ignorar-me. — Rodeou-me a cintura com o braço, fazendo-me deslizar mais para debaixo do grupo de árvores, os nossos pés esmagando a pedra miúda misturada com a terra do jardim ao mesmo tempo que ele me conduzia numa *pavane*. — Ninguém me dispensou sequer um pensamento — prosseguiu ele —, forçado a viver num seminário e a partilhar uma cela com um Médico que adora soltar gases, e nem... — falou mais alto para se fazer ouvir por cima da minha gargalhada — ... ninguém estranhou que o nosso pai tivesse concedido o barrete cardinalício a Alessandro Farnese, devido aos favores prestados pela sua promíscua irmã, ao passo que eu, um Bórgia, sou proibido de colocar tão-pouco um pé em Roma?

Estaquei, subitamente.

— Tu sabes... Do pai e da Giulia?

— Lamentavelmente. Como disse, tenho os meus expedientes.

Estiquei a mão e acariciei-lhe a face, sentindo a barba que começava a despontar.

— Isso aborrece-te?

Deitou-me um olhar contemplativo.

— Deveria?

— Suponho que não — respondi, embora contasse com uma reação diferente por parte dele. Se me perturbara a mim, como podia não o ter transtornado a ele?

César estendeu-me o embrulho.

— Abre o teu presente. Trouxe-o de Pisa e manteve-o escondido da nossa mãe quando cheguei. Revistou-me a bagagem, como faz sempre, insistindo em lavar ela mesma as minhas meias sujas.

Rasguei de imediato o pacote, deparando-me com uma capa de livro em couro vermelho gravado. Abrindo-a, o frontispício deixou-me boquiaberta.

— O *Decameron* — murmurei. Olhei para o meu irmão. — Este livro está proibido no convento. As freiras dizem que Boccaccio é um pagão que enaltece os prazeres da carne em detrimento das virtudes do espírito.

César fez uma careta.

— Não é por acaso que lhe chamam a Madre Igreja. Tal como a Vannoza, adora sonegar-nos conhecimento. É melhor esconderes o livro também da Adriana. Ela não aprovará que o leias.

Abracei-o.

— Obrigada, César. Vou estimá-lo. — Embora a roupa o fizesse parecer descarnado, senti um corpo elegante e musculado quando o abracei. Apesar do suposto tédio que passava em Pisa, era óbvio que não negligenciara os seus interesses atléticos.

Relaxou nos meus braços. Então, disse:

— Já te deste conta de que nada do que aconteceu irá alterar o meu destino? Embora o pai agora tenha assento no trono de São Pedro, tudo o que devia ser meu por direito será concedido ao Juan.

Desanimei e dei um passo atrás.

— Foi por isso que vieste? — Ao ver que ele não respondia, disse: — César, não arranjes problemas para o pai. Sabes bem que...

— Sim, sim. O ducado espanhol de Gandia não é meu. A rainha Isabel e o rei Fernando outorgaram-no ao nosso irmão mais velho em reconhecimento da sua valentia, mas o Pedro foi morto durante a cruzada contra os Mouros, e Gandia será entregue a quem o pai bem entender. Eu sei. Já ouvi essa lengalenga muitas vezes.

— Já? É que nunca disseste que concordavas.

— E não concordo. Mas a mãe disse-me que o pai pediu à rainha Isabel que concedesse o título ao Juan. — A sua voz tornou-se mais tensa. — Esperei cinco anos... Desde que o Pedro morreu. Cinco anos para que o nosso pai desse ouvidos à razão e reconhecesse que, o que foi outrora seu direito de progeneratura, deve agora ser-me entregue, como segundo filho mais velho. O pai recusa-se a ver o quanto o Juan é pouco meritório, o quanto se tornou indigno de ser um nobre espanhol. Tudo o que vê é que o Juan tem de ser apapricado, ao passo que eu tenho de sacrificar-me à Igreja.

— Então, estás aqui para te bateres com o Juan pelo ducado — concluí, desolada.

Se eu nunca me dera bem com Juan, os meus irmãos então sempre haviam sido inimigos, e a nossa infância tinha sido caracterizada pelas suas constantes rixas. César fora um aluno exemplar, ao passo que Juan, consciente das suas incapacidades no que dizia respeito aos livros, se dedicara ao domínio da espada e do arco. Contudo, César também se notabilizava nessas áreas, por isso, desde pequenos que se desafiavam um ao outro, brandindo espadas de madeira e encenado lutas, até que a coisa escalara para rixas sérias e olhos negros. A nossa mãe vira-se forçada a separá-los muitas vezes e eu esforçava-me por instaurar a paz, suplicando-lhes que brincassem comigo. Em criança, achava que as disputas entre os dois eram culpa minha, porque Juan devia saber que eu gostava mais de César. Porém, à medida que fui crescendo, percebi que a hostilidade entre os dois era uma coisa mais profunda. Eram estranhos um para o outro, antitéticos sob todos os aspetos, rivais que pareciam não ter saído do mesmo ventre.

O sorriso de César foi amargo.

— Lutar com ele de nada me servirá. O Juan não tem ambição própria; está-se pouco marimbando para aquele ducado. Se lhe fosse permitido fazer a sua vontade, passaria os dias deitado com mulheres e a beber até perder os sentidos. Apenas faz o que o pai lhe manda.

— Então, não causarás problemas? — Observei cuidadosamente a sua expressão. César aperfeiçoara a capacidade de disfarçar os seus pensamentos e sentimentos. De nós os três, César havia sido o primeiro a entender que quanto menos revelasse, menos vulnerável estaria. — Sabes que o pai detesta que tu e o Juan discutam. E o pai agora é o Sumo Pontífice. Não se pode dar ao luxo de estar envolvido em escândalos.

— Pois, não mais do que aqueles em que já está — comentou César, surpreendendo-me. — Já que estamos a falar do assunto, que tal é partilhar um *palazzo* com La Farnese? Estás tão ansiosa como o nosso pai por acolher o bebé dela na nossa família?

César também estava a par da gravidez de Giulia. Pois claro. Vannoza contara-lhe. Não consegui evitar o tom amargo que a minha voz espelhou.

— O pai diz que a ama. Quer que eu a trate como a uma irmã.

— Ah. E tu?

— Eu sempre a vi como uma amiga, só que, nas últimas semanas... Há qualquer coisa que não me deixa confiar nela, César.

— Nem debes confiar. Sob esse teu ar despreocupado, sempre foste muito astuta, Lucia. — Ergueu de repente o queixo, olhando para lá da minha cabeça. — Temos companhia.

Virei-me e avistei Juan caminhando na nossa direção com um passo determinado. César avançou ao seu encontro.

— Irmão, que prazer inesperado.

Juan trazia os olhos semicerrados. Tresandava a excesso, como se tivesse mergulhado numa barrica de vinho.

— O Djem disse-me que a Lucrécia te tinha visto no salão. De início não acreditei nele. Tens sorte por o pai me ter mandado a mim buscar a nossa irmã, em lugar de um dos seus criados. Teria ficado furioso.

— Quem? — cantarolou César. — O criado ou o nosso pai?

— Entendeste-me muito bem! Ou não recebeste a mensagem do pai, dizendo-te que ficasses em Pisa?

— Recebi, sim, claro. Mas não vi motivos para me privar de uma visita, tendo em conta a ocasião. — César rasgou um sorriso. — Tu certamente que tens motivos para te alegrar. O nosso pai é agora papa e, segundo sei, em breve serás feito duque de Gandia. Parabéns. Significa isso que podemos ansiar pelo privilégio de te ver em Espanha?

— Quem é que te disse isso? — exigiu saber Juan. Depois, ao ver a expressão impassível de César, disse, num tom desdenhoso: — A nossa mãe. Nunca foi capaz de manter aquela boca calada. Sim, estou prestes a ser feito duque, assim que o documento oficial chegue de Castela. E que tem isso? Estás aqui para desafiar esse título?

Vendo Juan endireitar os ombros, numa atitude ao mesmo tempo de intimidação e de defesa, veio-me à memória a imagem dele a estraçalhar o homem à porta do *palazzo* de Adriana. Era mais alto e musculado do que César. Os meus irmãos já não eram tão equilibrados em termos de força bruta; quando comparados, César parecia de facto subalimentado, ao passo que Juan tinha um ar muito mais robusto. Contudo, o que faltava a César em termos de corpulência, sobrava-lhe em engenho e astúcia.

Quando começava a recear que um deles fosse puxar de uma arma, César disse, num tom ameno:

— Se o pai achou por bem conceder-te a ti essa honra, quem sou eu para questioná-la?

Percebi de imediato que as suas palavras apenas serviram para deixar Juan ainda mais desconfiado. Juan podia ser indolente, lento a captar

subtilezas na linguagem, mas sabia, tão bem quanto eu, que o ducado de Gandia era a última esperança que restava a César de escapar ao sacerdócio. Com o seu vasto território perto de Valência, em Espanha, onde se encontravam as raízes da nossa família, o ducado transformaria o seu detentor num nobre abastado e poderoso.

Juan parecia mastigar qualquer coisa. Cuspiu um pedaço de cartilagem junto aos pés de César.

— Achas que sou parvo, é isso? Longe vão os dias em que podias apontar-me todos os erros de gramática. Não acredito nem por um segundo que, depois de todos estes anos, estejas preparado para abrir mão de Gandia.

— Acredita no que quiseres — disse-lhe César. — Não tenho necessidade de me explicar, e menos ainda a ti.

Entreolharam-se ferozmente e eu interpus, de novo receosa:

— Não se zanguem.

— Não tenho qualquer intenção de me zangar — disse César. — Não quero ser a causa de aborrecimentos na nossa família, e logo nesta altura gloriosa.

— Como se um padre de saias pudesse perturbar o que quer que fosse — desdenhou Juan.

— Ainda não uso batina. — César virou-se para mim. Os seus lábios estavam gelados quando me beijou a face. — Adeus, Lucrecia. — Olhou para Juan. — Confio que acompanhes a nossa irmã de volta ao salão... — Não esperou por uma resposta. Envolvendo-se na capa, afastou-se, desaparecendo no meio das sombras.

Fui assaltada por uma enorme desolação. César estava sozinho, sem sequer um criado ou um archote que lhe iluminasse o caminho de regresso a casa da nossa mãe, no monte Esquilino, atravessando uma cidade onde não faltavam bêbados, ladrões e rufiões. A preocupação que sentia toldou-me a voz quando me dirigi a Juan.

— Espero que estejas satisfeito.

Lançou-me um olhar espantado.

— O que é que eu fiz?

— Não te faças de desentendido. Espero que estejas contente por ter humilhado o teu próprio irmão com esse ducado. Não basta que se veja forçado a tornar-se padre e que tenha de esquivar-se furtivamente até Roma, porque não foi convidado a estar aqui connosco, como devia?

— E que culpa é que eu tenho disso? Não fui eu que o mandei ficar em Pisa. A decisão foi do nosso pai. Receou que o César aproveitasse a oportunidade para renunciar aos seus estudos no seminário. — Juan virou a cabeça na direção em que o nosso irmão partira. — Tenho de admitir que ele encarou bem a notícia. Talvez o nosso irmão se tenha finalmente capacitado de que, tal como nós, tem de fazer o que o nosso pai manda.

Resisti a revirar os olhos. Como de costume, Juan simplesmente não tinha consciência de nada. Independentemente do que lhe parecera, César *não* encarara bem a notícia. Na verdade, temia que aquele encontro entre ambos tivesse constituído um novo marco na rivalidade entre ambos, contudo, as minhas preocupações desvaneceram-se assim que Juan me olhou. Senti um súbito calafrio pelas costas abaixo. O seu olhar era gélido; dir-se-ia que nem sequer estava embriagado.

— Não devias ter vindo atrás dele. O pai pode não se importar de te dar guarida debaixo do mesmo teto que aquela meretriz, mas continuas a ser sua filha. Que pensaria o teu noivo, se soubesse que deambulaste pelos jardins do Vaticano como um gato vadio?

— Não fiz nada de mal — ripostei. — Para além disso, já não estou noiva.

— Ah não? O pai pode não achar que um nobre valenciano te convenha, mas não deixaste de ter um noivo. O seu nome é Giovanni Sforza, conde de Pésaro.

— Eu... Eu não sei de nada disso.

— Porque ainda ninguém sabe, à exceção do pai, de mim e daquela cadela Farnese, presumo. Fazia parte do acordo que foi feito com o cardeal Sforza, em troca pelo apoio dele no conclave. Foi o voto dele que deu a vitória ao nosso pai. Temos de retribuir o favor.

Estava atónita. Seria a *isto* que Giulia se referira?

— Até a notícia me ser comunicada, continuo descomprometida. — Ergui o queixo. Juan sempre gostara de me arreliar e de me intimidar; nunca mais esqueceria a ocasião em que o meu irmão esmagara um gatinho recém-nascido debaixo do pé e à minha frente só para ver se eu chorava. César sovava-o até a nossa mãe se ver forçada a intervir; Juan ainda tinha uma cicatriz por cima da sobrancelha esquerda, em resultado de um murro do irmão.

Juan deu uma gargalhada grosseira.

— Quer-me parecer que a minha irmã virgem se tem em elevada conta. — Tentei contorná-lo, mas ele deu um passo ao lado, bloqueando-me o caminho. — Se bem que comece a acreditar que sejas menos virginal do que se pensa. Gostaste de me ver matar aquele homem no outro dia, não gostaste? Deve ter-te excitado: todo aquele sangue...

De repente, Juan pareceu-me enorme, uma barbacã de carne e osso entre mim e o palácio. Apesar de saber que não estávamos sozinhos, nem longe o suficiente do salão para que os meus gritos não fossem ouvidos, tinha consciência que qualquer exibição de medo da minha parte apenas o iria incentivar.

— O pai está à minha espera. Mandou-te buscar-me, lembraste?

— Ele que espere. — Colocou-se à minha frente, de mãos nas ancas. — Salvei-te da multidão, por isso deves-me uma recompensa. O César pedia-te sempre uma dança. Pois bem, eu exijo um beijo.

A despeito da sua postura intimidatória, fiquei aliviada ao escutar a costumeira petulância na sua voz. Era mais do mesmo, outro ponto para conquistar na sua incessante rivalidade com César. Não ia dar-lhe esse gosto.

— És um palerma. — Passei-lhe ao lado. — Vou sozinha.

Senti-o precipitar-se para mim, agarrando-me pelos ombros e forçando-me a dar meia volta.

— Um beijo! — reclamou ele. — Ou digo ao pai que o César esteve aqui e que passaste o serão à conversa com ele.

Fulminei-o com o olhar.

— Nem penses! Vai beijar uma criada, se estás assim tão carente.

Cravou-me os dedos nos ombros e mostrou-me os dentes, como se rosnasse. Vira aquela mesma expressão no rosto do meu irmão mesmo antes de ele ter chacinado o homem. Considerando que seria melhor ceder do que suportar aquela contenda, cerrei os dentes e pus-me em bicos dos pés para o beijar na face. Contudo ele girou a cara, pressionando os lábios contra os meus. Furiosa e sem pensar, dei um passo atrás e esbofeteei-o com toda a força que tinha.

— Bruto! Se não me deixas em paz neste preciso momento, quem vai fazer queixas ao pai sou eu!

A minha bofetada ruborizou-lhe a pele. Preparei-me para a sua raiva, mas ele limitou-se a desviar-se do meu caminho com uma vénia. Quando passei por ele, Juan disse:

— Não tenhas pena do nosso irmão. Assim que o César fizer os votos, o pai vai conceder-lhe o seu próprio cardinalato, de Valência. Não pode mantê-lo, agora que é papa, e precisamos de alguém da família para não perdermos os rendimentos. Talvez acabemos por ver o César em Espanha mais depressa do que eu.

— Ele não precisa de ir para Espanha para ser cardeal — aleguei, num tom frio. — O pai nunca foi.

Sem mais uma palavra, rumei ao palácio. Conquanto não tenha olhado para trás, sentia o olhar fixo de Juan nas minhas costas e ouvia as suas gargalhadas rudes e fingidas.

Esperava que ele estivesse errado, que fosse ele a ser enviado para Espanha.

E fazia figas para que nunca mais voltasse.

A infâmia é um veneno que nos corre no sangue...
É o preço a pagar por ser um Bórgia.



C. W. Gortner revela-nos a história fascinante de uma das mais poderosas famílias do Renascimento, que dominou a política e a sociedade da época. Movidos por uma sede desenfreada de poder, os Bórgias cometeram os pecados mais cruéis, tornando-se sinónimo de intriga, perfídia e delito.

Com a controversa eleição de Rodrigo Bórgia como papa Alexandre VI, os Bórgias alcançam uma posição privilegiada na corte papal, dando início a uma nova era na cidade eterna. Mas Roma acaba por revelar-se tão encantadora quanto perigosa.

Perante a ameaça de uma invasão francesa, Rodrigo, pai da jovem e inocente Lucrecia, é obrigado a casá-la com um adversário poderoso, tornando-a um mero peão num perigoso jogo de poder. Contudo, quando as acusações escandalosas de assassinato e incesto de que Lucrecia é alvo ameaçam aqueles que ama, somente a sua astúcia e inteligência a poderão salvar. Conseguirá a jovem princesa fugir ao destino fatal que lhe foi imposto à nascença pelo seu sangue Bórgia?



«Uma narrativa com assassinatos, mentiras, deceções e traições em quantidades dignas de Shakespeare.»

Kirkus Reviews

Outros títulos
de grande sucesso
do mesmo autor:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20120 editora

ISBN 978-989-8855-18-3



9 789898 855183

Romance Histórico